

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

TÂMELA COSTA

ANSIEDADE DE INFORMAÇÃO: estudo com universitários de enfermagem

JOÃO PESSOA

2019

TÂMELA COSTA

ANSIEDADE DE INFORMAÇÃO: estudo com universitários de enfermagem

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Enfermagem, **área de concentração:** Cuidado em Enfermagem e Saúde

Linha de Pesquisa: Fundamentos Teórico-Filosóficos do Cuidar em Enfermagem e Saúde

Projeto de Pesquisa Vinculado: Sistemas e Tecnologia da Informação Aplicada no Processo de Trabalho em Saúde e na Enfermagem

Orientador: Prof.º Dr.º Sérgio Ribeiro dos Santos

Coorientadora: Prof.ª Dr.ª Sandra Aparecida de Almeida

JOÃO PESSOA

2019

Autorizo a reprodução e a divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

C838a Costa, Tâmega.

ANSIEDADE DE INFORMAÇÃO: estudo com universitários de enfermagem / Tâmega Costa. - João Pessoa, 2019.
83 f. : il.

Orientação: Sérgio Ribeiro dos Santos.

Coorientação: Sandra Aparecida de Almeida.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCS.

1. Ansiedade de Informação. 2. Estudantes de Enfermagem. 3. Tecnologia da Informação. 4. Ensino. 5. Aprendizagem. I. Santos, Sérgio Ribeiro dos. II. Almeida, Sandra Aparecida de. III. Título.

UFPB/BC

TÂMELA COSTA

ANSIEDADE DE INFORMAÇÃO: estudo com universitários de enfermagem

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Enfermagem, área de concentração: Cuidado em Enfermagem e Saúde.

Aprovada em: 30 / 04 / 2019

BANCA EXAMINADORA



Prof.º Dr.º Sérgio Ribeiro dos Santos
Orientador - Universidade Federal da Paraíba - UFPB



Prof.ª Dr.ª Sandra Aparecida de Almeida
Membro Interno Titular - Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Prof.ª Dr.ª Rafaella Queiroga Souto

Membro Interno Suplente - Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Prof.º Dr.º Henry Poncio Cruz de Oliveira

Membro Externo Titular - Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Prof.º Dr.º Hemílio Fernandes Campos Coelho

Membro Externo Suplente - Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Aos meus pais, Maria Xavier e Laércio de Barros.

À minha querida irmã, Tatiana Costa.

Ao meu namorado, Gustavo Pedrosa.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, **Maria Xavier e Laércio de Barros**, por todo amor e carinho, pela torcida em cada uma das minhas vitórias, por toda proteção; por sempre estarem comigo quando eu mais precisei; e por serem meu alicerce!

À minha irmã, **Tatiana Costa**, por sempre torcer pela minha vitória e meu crescimento; por acreditar em mim; por ser minha maior incentivadora e estar sempre comigo, em todos os momentos da minha vida, me apoiando diante das dificuldades!

Ao meu namorado, **Gustavo Pedrosa**, pela pessoa maravilhosa que é comigo e por sempre estar disposto a me ajudar, durante toda essa caminhada, e por fazer de tudo para me ver feliz!

Ao meu cunhado, **Rômulo Rodrigues**, por todo o acolhimento; por todas as palavras de incentivo e toda alegria por cada conquista!

Ao **Prof.º Dr.º Sérgio Ribeiro dos Santos**, pelos seus ensinamentos e direcionamentos sábios, desde o início, com os primeiros passos, até o alcance desta vitória, por toda sua compreensão; por me apoiar em todos os momentos e por toda leveza e tranquilidade que me transmitia!

À **Prof.ª Dr.ª Sandra Aparecida de Almeida**, por ser uma peça ímpar na construção desta história; por toda sua doçura e coração imenso, ao me receber de braços abertos nesta jornada, e por sempre me auxiliar quando mais precisei!

Ao **Prof.º Dr.º Hemílio Fernandes**, por toda disponibilidade, orientação, carinho, grande apoio e contribuições para este estudo!

Ao **Prof.º Dr.º Henry Poncio**, pela atenção, disponibilidade e contribuições fundamentais para este estudo!

Aos professores do **Programa de Pós-graduação**, por todos os ensinamentos compartilhados de forma enriquecedora para o meu crescimento pessoal, acadêmico e profissional!

À minha colega **Érica Leite**, pelo importante auxílio e atenção que me forneceu!

Aos **universitários** que se colocaram à disposição para participar da pesquisa e compartilharam suas experiências.

E a todos que não foram citados, entretanto, contribuíram direta ou indiretamente para concretização deste sonho.

“Nossa ansiedade não vem do pensamento sobre o futuro, mas do desejo de controlá-lo”.

(Kahlil Gibran)

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Valores utilizados para construção da amostra.....	32
Tabela 2 - Caracterização da amostra. João Pessoa - Paraíba, 2018 (n=181).....	39
Tabela 3 - Resultados do teste de Hosmer-Lemeshow. João Pessoa - Paraíba, 2018.....	44
Tabela 4 - Descrição da força da associação, através do valor calculado do V2 de Cramer....	46

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Consistência interna, segundo o valor de alfa.....	34
Quadro 2 - Variáveis explicativas relacionadas à ocorrência da ansiedade de informação. João Pessoa - Paraíba, 2018	40
Quadro 3 - Coeficientes estimados do modelo selecionado. João Pessoa - Paraíba, 2018	41
Gráfico 1 - Distribuição dos universitários, segundo cruzamento entre níveis das variáveis Q5 e Q8. João Pessoa - Paraíba, 2018	46
Quadro 4 - <i>p</i> -valores referentes aos testes de associação entre os itens das variáveis Q6 e Q7. João Pessoa - Paraíba, 2018.....	47
Figura 1 - Dendograma com as classes identificadas. João Pessoa - Paraíba, 2018	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CCS	Centro de Ciências em Saúde
CHD	Classificação Hierárquica Descendente
CNS	Conselho Nacional de Saúde
DENC	Departamento de Enfermagem Clínica
GEPAlE	Grupo de Estudo e Pesquisa em Administração e Informática em Saúde e Enfermagem
IC	Intervalo de Confiança
MS	Ministério da Saúde
OR	Odds Ratio
NI	Necessidade de Informação
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
UCE	Unidades de Contexto Elementar
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

COSTA, Tâmelá. **Ansiedade de informação:** estudo com universitários de enfermagem. 2019. 83f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

Introdução: A ansiedade de informação entre universitários de Enfermagem pode se manifestar pela busca de informações e atualizações constantes. **Objetivos:** Investigar como os universitários de Enfermagem percebem em si a ansiedade de informação no contexto das Tecnologias de Informação e Comunicação; evidenciar estatisticamente que fatores são determinantes para a ocorrência da ansiedade de informação; e analisar a ansiedade de informação, a partir do olhar dos universitários de Enfermagem. **Método:** Estudo exploratório e descritivo de abordagem quanti-qualitativa desenvolvido no Centro de Ciências da Saúde – UFPB, com 181 universitários de Enfermagem, aplicação de questionário estruturado e entrevista com 10 universitários da mesma amostra. Os dados quantitativos foram obtidos por estatística descritiva, testes de associação entre variáveis e ajuste do modelo de Regressão Logística, e os dados qualitativos por Análise de Conteúdo de Bardin. Aprovação no Comitê de Ética e Pesquisa, CAAE: 87242318.8.0000.5188. **Resultados:** As variáveis Volume de informação, Sala de aula, Crença de que o outro compreende tudo, Queda de desempenho, Indisposição, Distúrbios do sono e Dor de cabeça fornecem evidência para a ocorrência de ansiedade de informação entre universitários de Enfermagem. A abordagem qualitativa originou 5 classes: Filtrando a informação, Conectando com o mundo, Acessando as redes sociais, Redes sociais invadindo a sala de aula e Colocando o celular no silencioso ou desligando. **Conclusão:** Para os universitários de Enfermagem, a ansiedade de informação foi confirmada pelo modelo de regressão logística e se apresenta, mediante os seguintes comportamentos: preocupação com a confiabilidade das informações, solidão, ausência de autocontrole, autorregulação, necessidade de conexão com o mundo virtual, serendipidade, compulsão e dependência pelas redes sociais, sufocamento pelo volume de informações, necessidade de se manter atualizado e busca de informações no *smartphone*.

PALAVRAS-CHAVE: Ansiedade de Informação; Estudantes de Enfermagem; Tecnologia da Informação; Ensino; Aprendizagem.

ABSTRACT

COSTA, Tâmelá. **Information anxiety:** study with nursing undergraduates. 2019. 83f. Dissertation (Master's Degree in Nursing) - Graduate Course Program in Nursing, Health Sciences Center, Federal University of Paraíba, João Pessoa, 2019.

Introduction: The information anxiety among nursing undergraduates can be manifested by the search for constant information and updates. **Objectives:** To investigate how nursing undergraduates perceive in themselves information anxiety in the context of Information and Communication Technologies; To statistically evidence which factors are determinant for the occurrence of information anxiety; and, To analyze information anxiety, from the look of nursing undergraduates. **Method:** Exploratory and descriptive study of a quantitative-qualitative approach developed at the Health Science Center – UFPB with 181 undergraduates nursing, structured questionnaire application and interview with 10 university students from the same sample. The quantitative data were obtained by descriptive statistics, tests of association between variables and adjustment of Logistic Regression model, and the qualitative data by Bardin Content Analysis. Approval in the Ethics and Research Committee, CAAE: 87242318.8.0000.5188. **Results:** The variables Volume of information, Classroom, Belief that the other understands everything, performance drop, Indisposition, Sleep disturbances and Headache provide evidence for the occurrence of information anxiety among Nursing undergraduates. The qualitative approach originated 5 categories: Filtering information, Connecting with the world, Accessing the social networks, Social networks invading the classroom, and Putting the cell phone in the silent or turning off. **Conclusion:** For the Nursing undergraduates, the information anxiety was confirmed by the logistic regression model and presented, through the following behaviors: concern for information reliability, loneliness, lack of self-control, self-regulation, need to connect with the virtual world, serendipity, compulsion and dependence on social networks, suffocation due to the volume of information, necessity to keep updated and search for information on the smartphone.

Keywords: Anxiety; Nursing Students; Information Technology; Teaching; Learning.

RESUMEN

COSTA, Tâmelâ. **Ansiedad de informaci3n:** estudio con universitarios de enfermería. 2019. 83f. Tesis (Maestría en enfermería) – Programa de Pos-Grado en Enfermería, Centro de Ciencias de la Salud, Universidad Federal de Paraíba, João Pessoa, 2019.

Introducci3n: La ansiedad de informaci3n entre universitarios de Enfermería puede manifestarse por la búsqueda de informaci3nes y actualizaciones constantes. Objetivos: Investigar cómo los universitarios de enfermería perciben en sí la ansiedad de informaci3n en el contexto de las Tecnologías de Informaci3n y Comunicaci3n; evidenciar estadísticamente que factores son determinantes para la ocurrencia de la ansiedad de informaci3n; y analizar la ansiedad de informaci3n, a partir de la mirada de los universitarios de Enfermería. **Método:** Estudio exploratorio y descriptivo de abordaje cuanti-cualitativa desarrollado en el Centro de Ciencias de la Salud - UFPB, con 181 universitarios de Enfermería, aplicaci3n de cuestionario estructurado y entrevista con 10 universitarios de la misma muestra. Los datos cuantitativos se determinaron mediante estadística descriptiva, pruebas de asociaci3n entre variables, ajuste del modelo de Regresi3n Logística y cualitativos por Análisis de Contenidos de Bardin. **Resultados:** Las variables de volumen de informaci3n, el aula, la creencia de que el otro comprende todo, la caída del rendimiento, la indisposici3n, los trastornos del sueño y el dolor de cabeza proporcionan evidencia para la aparici3n de ansiedad de informaci3n entre universitarios de enfermería. El enfoque cualitativo originó 5 clases: Filtrando la informaci3n, Conectando con el mundo, Acceder a las redes sociales, Redes sociales invadiendo el aula y Colocando el teléfono en el silencio o apagando. **Conclusi3n:** Para los universitarios de enfermería, la ansiedad de informaci3n fue confirmada por el modelo de regresi3n logística y se presenta, mediante los siguientes comportamientos: preocupaci3n por la confiabilidad de las informaci3nes, soledad, ausencia de autocontrol, autorregulaci3n, necesidad de conexi3n con el mundo virtual, serendipidad, compulsi3n y dependencia por las redes sociales, sofocaci3n por el volumen de informaci3nes, necesidad de mantenerse actualizado y búsqueda de informaci3nes en el *smartphone*.

Palabras clave: Ansiedad; Estudiantes de Enfermería; Tecnología de la Informaci3n; Enseñanza; Aprendizaje.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	OBJETIVOS	20
2.1	Objetivo Geral	20
2.2	Objetivos Específicos	20
3	ANSIEDADE	21
3.1	Ansiedade de Informação	22
3.2	Tecnologias de Informação e Comunicação.....	26
4	PERCURSO METODOLÓGICO	30
4.1	Delineamento do Estudo.....	30
4.2	Cenário do Estudo	30
4.3	População e Amostra	31
4.4	Instrumentos de Coleta de Dados	33
4.5	Processamento e Análise dos Dados	34
4.6	Considerações Éticas	37
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	39
5.1	Caracterização da Amostra.....	39
5.2	Ajuste do Modelo de Regressão Logística	40
5.3	Análise dos Dados Qualitativos.....	48
5.4	Análise da Relação entre o Método Quantitativo e Qualitativo	60
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
	REFERÊNCIAS	64
	APÊNDICES	74
	APÊNDICE A – Questionário - Ansiedade de Informação	74
	APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista Semiestruturada.....	78
	APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.....	79
	ANEXOS	81
	ANEXO I - Termo de Anuência.....	81
	ANEXO II – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética e Pesquisa.....	82

1 INTRODUÇÃO

A ansiedade é considerada como uma das emoções essenciais do ser humano, assim como a felicidade, a tristeza ou a raiva. Dentre suas formas mais graves, a ansiedade consiste em um dos tipos de transtorno psicológico mais comum, que atinge milhões de pessoas no mundo em determinado momento da vida (FREEMAN; FREEMAN, 2015).

Logo, os autores mencionam que a importância da ansiedade é indubitável. Entretanto, apesar de vivenciarmos essa emoção, provavelmente de forma constante, para muitos de nós pode parecer uma experiência ruim. Embora a ansiedade seja considerada como fundamental, em contrapartida, para muitos indivíduos equivale a um problema sério.

A Organização Mundial de Saúde informa que os casos de transtornos mentais apresentaram aumento. Os dados do relatório “*Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates*” apontam que os transtornos de ansiedade se encontram em 6º lugar (3,4%) no ranking mundial. Os impactos desses distúrbios para a saúde são expressivos, pois cerca de 8,3% da população brasileira é acometida por transtornos de ansiedade (WHO, 2017).

Papalia, Olds e Feldman (2006) relatam que o ingresso na Universidade é marcado por mudanças expressivas e difíceis no modo de refletir do estudante, acerca das diferentes áreas de sua vida, possibilitando o desenvolvimento intelectual e pessoal. Da mesma forma, Martinowski (2013), considera esse processo marcante na vida do indivíduo que adentra um espaço acadêmico com muitas metodologias, normas, grupos e pessoas desconhecidas. Diante desta nova realidade na educação, o estudante precisa desenvolver um perfil universitário. Não obstante, todo esse processo pode gerar ansiedade, idealizações, conflitos e angústias.

Segundo Dehghan-Nayeri e Adib-Hajbaghery (2011), discentes de ensino superior da área da saúde são os que apresentam maior nível de ansiedade, comparando-se com outras áreas de ensino. Kaplan; Sadock; Grebb (2006); Holmes (1997) descrevem que a ansiedade compromete a cognição, modificando o aprendizado e ocasionando confusão e distorções perceptivas, tanto em relação ao tempo e espaço quanto nas pessoas e nos significados dos eventos. Portanto, essas distorções podem prejudicar o aprendizado, reduzir a concentração e a memória, além de afetar a capacidade de associação.

Estudos realizados por Macher et al. (2012) revelam que universitários com maior nível de ansiedade também apresentam maiores índices de procrastinação. Assim, o ato de empenharem menos esforços e tempo, ao processo de aprendizagem, tem relação indireta com as estatísticas de ansiedade.

A relação da ansiedade com o desempenho, na visão de Zeidner (2010), é mútua, à proporção que a ansiedade gera desmotivação, afetando o aprendizado e, por conseguinte, o desempenho. Neste seguimento, Macher et al. (2012) concordam que a ansiedade consiste em um forte aspecto desfavorável para o desempenho e aprendizado. No estudo de Campbell (2007), os resultados apontam uma correlação negativa entre a ansiedade e o desempenho acadêmico, que evidencia quanto maior o nível de ansiedade no discente, pior o desempenho acadêmico.

Em pesquisa, realizada no curso de graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba, com 51 estudantes do nono e décimo período, foi identificado níveis de ansiedade com uma média de escore de (42,43), indicando a predominância de alta ansiedade nos estudantes (LIMA et al., 2017). Segundo o relatório da *Association for University and College Counseling Center Directors*, a ansiedade continua ser a mais predominante e crescente entre 51% dos estudantes universitários (AUCCCD, 2015-2016).

Conforme o relatório do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis, em uma amostra de 939.604 discentes de Instituições Federais de Ensino Superior, 749.804 (79,8%) relataram ter passado por dificuldades emocionais nos últimos doze meses. A dificuldade emocional mais assinalada, em âmbito nacional, foi a ansiedade com 548.353 (58,36%) de discentes (FONAPRACE, 2014).

Sanches et. al., (2012), mencionam que os sintomas psicológicos da ansiedade, entre os estudantes, abrangem sentimentos de pânico, nervosismo antes de uma aula, impotência na realização de trabalhos acadêmicos, esquecimento no momento de avaliações de aprendizagem, bem como ausência de interesse em uma disciplina difícil. No que reporta aos sintomas fisiológicos, identificaram-se: aceleração dos batimentos cardíacos e da respiração, as palmas das mãos frias, suadas, nervosismo ou dor de estômago.

Portanto, é notório que, em nosso cotidiano, os universitários se deparem com uma quantidade inumerável de informações. Desta forma, ao iniciar uma busca na rede, em muitos momentos ficamos sem noção, para que direção deveríamos seguir. Assim, apresentamos sensações de inquietação, insegurança e dúvidas, quanto o que acreditávamos ter conhecimento, ou seja, trata-se de estado de ansiedade. Como menciona Wurman (1991), a era da informação é responsável por causar ansiedade que consiste na sensação de que é obrigação saber de tudo.

Logo, ansiedade de informação pode ser conceituada como:

o resultado da distância cada vez maior entre o que compreendemos e o que acreditamos que deveríamos compreender. É o buraco negro que existe entre dados e conhecimento, que aparece quando a informação não nos diz o que queremos saber (WURMAN, 2005, p. 14).

Neste contexto, estudos realizados por Santos (2015) e Oliveira (2017), com estudantes universitários dos cursos de Arquivologia e Biblioteconomia, demonstraram a manifestação da ansiedade de informação e suas implicações de ordem psicológica ou física, bem como no desempenho acadêmico.

Em estudo realizado com 30 discentes, sendo 19 alunos (do primeiro período) e 11 alunos (do nono período), do curso de Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba, sobre a ansiedade em relação à captação de informação, verificou-se que, no primeiro período, (42,11%) dos discentes sentem-se ansiosos na busca por informação, sobretudo, quando não conseguem assimilar tudo que precisam ou quando não encontram o que procuram com eficiência. Enquanto, os discentes do nono período (18,18%) sentem-se ansiosos e afirmam que o número de informações disponibilizadas sem controle, tende a apresentar ansiedade por parte do pesquisado. No mesmo estudo, constatou-se que no primeiro período (57,89%) e nono período (54,55%) os discentes sentem-se sem direção, quanto à busca de informação (SANTOS, 2015).

Outro estudo realizado com 15 discentes dos cursos de música, teatro, ciências sociais, direito, engenharia química, produção audiovisual e psicologia do Rio Grande do Sul, na modalidade acadêmica no exterior, a maioria dos discentes afirma que o excesso de informação interfere no rendimento, memória e concentração, pela dificuldade em lidar com a grande quantidade de informações e com o pouco tempo disponível para a realização das tarefas cotidianas ou acadêmicas. Além disso, constatou-se que grande parte deles apresenta algum comportamento indicativo de que lidar com a informação causa a ansiedade, desconforto, incerteza e, até mesmo, sintomas físicos e psicológicos, como estresse, queda de rendimento, alteração de humor, entre outros (OLIVEIRA, 2017).

Para Wurman (1991), a incapacidade dos indivíduos em lidar com o excesso de informação é um grande problema que implica em situações de ansiedade, estresse, fadiga e angústia, referente ao universo da informação. São considerados comportamentos de ansiedade informacional, como a ausência de compreensão de informações, não saber se existem ou não, encontrar certas informações desejadas, bem como a tentativa de atender às expectativas de outras pessoas.

Blundell e Lambert (2014) revelam que, dentre todos os tipos de ansiedade na esfera acadêmica, a ansiedade da informação parece estar entre as mais prevalentes. Katopol (2010) propõe que a ansiedade de informação afeta os estudantes à medida que se cria uma barreira para a obtenção e uso de informações no campo acadêmico.

Considerando-se os agentes multifatoriais que intensificam os transtornos de ansiedade, Davidoff (2001) ressalta que o uso acentuado das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), a produção, disseminação e consumo de informações em rede favorecem o comportamento ansioso.

Infere-se que o uso das TIC, como os *smartphones*, é frequente pelos universitários no cotidiano acadêmico. Entretanto, muitas vezes este tipo de recurso é utilizado de maneira inapropriada em momentos e ambientes da universidade, pois os estudantes sentem-se ansiosos pela busca de informação ou até mesmo para se manterem atualizados e acessar informações cotidianas, como também de cunho científico.

Desta forma, percebe-se que a manifestação da ansiedade pode decorrer do fluxo incessante de informações, tornando os sujeitos mais predispostos a alterações comportamentais e o desenvolvimento de patologias mentais ou até mesmo físicas, em razão desta atmosfera informacional na qual estão imersos. Neste sentido, acredita-se que os universitários precisam gerir as informações acessadas para que o uso excessivo dos meios de acesso, sobretudo, das TIC (*smartphones, tablets, computadores*), não resultem em uma ansiedade informacional como forma de preservar o bem-estar mental e físico.

Para Blundell e Lambert (2014), são necessárias mais pesquisas na área de limitação da ansiedade de informação, principalmente mediante uma maior compreensão de causas peculiares à ansiedade de informação entre estudantes de graduação em geral.

Diante deste cenário, eclode a necessidade de investigar e ampliar este comportamento pouco abordado, mas significativamente vivenciado pelos universitários, através do seguinte questionamento: Como os universitários de Enfermagem percebem a ansiedade de informação, no contexto das Tecnologias de Informação e Comunicação?

Considerando o panorama da ansiedade de informação, tem-se o seguinte pressuposto: a ansiedade de informação está associada ao uso de Tecnologias de Informação e Comunicação pelos universitários de Enfermagem.

Portanto, este estudo se justifica, tendo em vista a nossa vivência acadêmica e a observação quanto à manifestação de ansiedade nos universitários por adquirir informações mediante o uso de TIC no ambiente acadêmico, trazendo consequências que podem prejudicar o bem-estar mental e físico, refletindo, assim, na formação como futuros profissionais de saúde.

Neste sentido, espera-se que a realização do presente estudo venha contribuir significativamente para ampliar o corpo de conhecimento referente à ansiedade de informação nos universitários de Enfermagem, uma vez que serão identificados fatores de TIC, os quais podem contribuir para ocorrer a ansiedade de informação. Ressalta-se, o caráter inovador deste

trabalho, visto que não foram encontrados outros estudos na literatura que abordassem esta temática com os universitários de Enfermagem.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Investigar como os universitários de Enfermagem percebem em si, a ansiedade de informação no contexto das Tecnologias de Informação e Comunicação.

2.2 Objetivos Específicos

- Evidenciar estatisticamente que fatores são determinantes para a ocorrência de ansiedade de informação;
- Analisar a ansiedade de informação, a partir do olhar dos universitários de Enfermagem.

3 ANSIEDADE

Stone (2009) afirma que no início do século XVII, o termo ansiedade começou a ser empregado na escrita médica referente às doenças mentais. Nardi (2004) explica que a utilização deste termo também traduz o início de uma distinção entre os níveis normais vividos pela população em geral - depois de desapontamentos no amor, preocupações financeiras e problemas de saúde -, e os níveis excessivos apresentados por pessoas que reagem de forma mais intensa a eventos similares.

De acordo com o mesmo autor, no século XVIII a ansiedade era vista exclusivamente do ponto de vista biológico, vindo a ser considerada por seus aspectos físicos e, com destaque, para os sintomas corporais a ela pertinentes. Apenas no final do século XIX, os sintomas de ansiedade foram agregados em um novo conceito nosológico e a psiquiatria entrou em ação, com base nos trabalhos de psiquiatras franceses e de Sigmund Freud.

Na atualidade, Clark e Beck (2012) revelam que a ansiedade se encontra cada vez mais predominante, atingindo milhões de pessoas no planeta e gerando uma carga econômica, social e de tratamento significativa. Configura-se como um sistema complexo que engloba resposta cognitiva, fisiológica, afetiva e comportamental, manifestando-se como efeito da antecipação a eventos considerados repulsivos, principalmente, em virtude da sua natureza incontrolável e imprevisível para os indivíduos, sendo interpretados como ameaça aos seus interesses.

A ansiedade pode ser definida como “uma apreensão difusa que é vaga na sua natureza e está associada com sentimentos de incerteza e impotência” (TOWSEND, 2011, p.17). Outro autor a define como “uma emoção orientada ao futuro, caracterizada por percepções de incontrolabilidade e imprevisibilidade” (CLARK; BECK, 2012, p.104).

Na concepção de Oliveira (2011), a ansiedade é uma reação natural e importante. Pode ser benéfica quando apropriada às circunstâncias e para responder aos diferentes estímulos. Se for controlada, a ansiedade atua como estimulante ou força motivadora, porém em excesso, pode resultar em consequências que danificam a vida do indivíduo. Logo, de reação natural transforma-se em transtorno da ansiedade. Este designa-se como um conjunto de sinais e sintomas psicológicos e somáticos, os quais intervêm no funcionamento cognitivo e comportamental do indivíduo com consequências à sua vida.

Zamignani e Banaco (2005) comentam que a ansiedade, enquanto fenômeno clínico, pode ser definida à medida que os comportamentos de fuga e esquiva ocupam tempo considerável no dia dos indivíduos, impedindo o desempenho das atividades profissionais, sociais e acadêmicas e envolvendo o grau de sofrimento considerado significativo.

Correia e Linhares (2007) mencionam que em determinadas situações, a ansiedade pode se manifestar como sinal de alerta que contribui para a preservação da vida, de modo a impulsionar a emissão de comportamentos de enfrentamento, na presença de situações que implicam esse estado ansioso. Entretanto, quando as manifestações comportamentais de ansiedade se tornam acentuadas, em nível desproporcional à situação que a desencadeou, com surgimento sem motivo específico ou mediante resposta imprópria aos eventos estressores, configura-se como um quadro patológico.

Sousa et al. (2013) apontam a ansiedade como responsável pela preparação do indivíduo para situações ameaçadoras e perigosas. Ligadas ao medo, englobam fatores comportamentais, cognitivos, afetivos, neurológicos e fisiológicos capazes de modular a percepção do indivíduo ao ambiente, promovendo respostas específicas e direcionando a determinado tipo de ação. A ansiedade pode ser considerada como uma condição orientada para o futuro, determinada por: preocupação referente à percepção de não poder controlar ou prever eventos de forte aversão, sintomas corporais de tensão física, e desvio do centro de atenção para esses eventos, fortemente aversivos, ou às respostas afetivas expulsas por eles.

A literatura indica como causadores de ansiedade a fragilidade e a fluidez das relações sociais (Leahy, 2012), bem como a busca incessante por informações ou estar constantemente atualizado, que Richard Saul Wurman alcunhou de ansiedade de informação (WURMAN, 1991). Segundo este autor, a ansiedade de informação ocorreria pela percepção do indivíduo, no que diz respeito ao seu distanciamento, entre aquilo que acredita saber e o que poderia saber. Na contextura da Teoria Cibernética, é referida como um sentimento de emergência pela informação que nem sempre se equipara a capacidade dos sujeitos de construir ou absorverem conteúdos, podendo provocar ansiedade e a sensação de exclusão (SIQUEIRA, 2017).

3.1 Ansiedade de Informação

Kumar (2006) cita a informação como uma condição fundamental para a sobrevivência, que propicia o estabelecimento de relações necessárias entre as pessoas e o ambiente em que vivem. Todavia, é provável constatar outras perspectivas nas quais se reconhece o fenômeno informacional como prejudicial (DAVENPORT; MARCHAND, 2004; WURMAN, 2005).

Vivenciamos os efeitos provenientes de uma revolução tecnológica que se encontra em contínua reconstrução e reflete na vida em sociedade. A *internet* representa um dos elementos mais expressivos desta revolução na qual conforme Wurman (2005), transformou o estilo de

vida das pessoas, proporcionou o desenvolvimento de novas formas de fazer negócios e gerou crises através das tecnologias emergentes.

Para Oliveira (2014), a *internet* permite a conexão de pessoas e organizações em uma estrutura de rede na qual produz e propaga uma extensão de dados e informações de origem digital. Estes são armazenados em servidores e *data centers* disseminados pelo mundo. Ademais, os dados e informações circulam por intermédio de ambientes de informação estruturados em teias hipertextuais, colaborando para a construção de conhecimento. Neste seguimento, Oliveira (2014, p. 87) garante que

nesse entrelaçado de modificações sociotécnicas, o crescente quantitativo de informações criou necessidades de reflexão e revisão das formas de apresentação da informação considerando a espacialidade que ela ocupa em ambientes digitais e não digitais.

O autor citado retrata que, atualmente, as tecnologias de armazenamento e divulgação, bem como a expansão do processo de democratização do acesso à informação, foram aprimoradas. Contudo, estas melhorias não representam para o indivíduo uma melhor qualidade na elaboração, reflexão e construção de conhecimento, tendo em vista a imensidão de informações disponíveis, pois diariamente o volume de informação e de não-informação tem desencadeado sintomas de ansiedade.

Durigan e Moreno (2013) relatam que, atualmente, existe uma enorme quantidade de informações oferecidas, dos mais variados tipos. No âmbito pessoal, torna o indivíduo pós-moderno, despreparado para seguir o ritmo infrene destas mudanças sociais, naturalmente passível a um dos novos males atuais: a ansiedade de informação, termo cunhado por Richard Saul Wurman (1991), em obra de mesmo nome.

Conforme os autores supracitados, durante muito tempo, as pessoas não tinham noção do quanto não sabiam e do que já sabiam. Na atualidade, por outro lado, estão cientes do quanto não sabem, e isso podem deixá-las ansiosas. Valentim (2002) afirma que o indivíduo absorve informações com a finalidade de satisfazer às suas necessidades informacionais, mas quando não são atendidas, o torna suscetível à ansiedade informacional.

Wurman (2005) relata que as pessoas permanecem sentindo ansiedade a respeito de como captar uma densidade de conhecimentos, os quais se ampliam a cada nanossegundo, em um complexo de informação, desinformação e desordem.

Shedroff (2005) corrobora com a linha de pensamento de Wurman (1991), ao presumir que apesar do nosso cérebro possuir capacidade de armazenar e processar dados além do que se utiliza, a tentativa de estarmos inteirados de tudo ao nosso redor irá acarretar em uma ansiedade na qual atingirá aspectos mentais, emocionais e até mesmo físicos.

Alves, Bezerra e Sampaio (2015) declaram que os usuários de informação estão sujeitos ao desenvolvimento da ansiedade informacional. Diante de tanta informação, o indivíduo se sente perdido e, assim, realiza esforços que vão além dos seus limites para se manter atualizado acerca de tudo, apesar de não conseguir. Então, quando não consegue, o indivíduo começa a manifestar angústias e frustrações sobre as informações as quais poderia ter obtido, mas que não foi viável.

Wurman (2005) destaca que o nosso relacionamento com a informação não é a única causa de ansiedade de informação. Também ficamos ansiosos porque, em geral, o acesso à informação é controlado por outras pessoas. Somos dependentes de quem organiza a informação e decide quais notícias receberemos, como também daqueles os quais tomam decisões e podem limitar o fluxo da informação. Sentimos ansiedade ainda, em decorrência do que deveríamos saber para satisfazer às expectativas dos outros a nosso respeito.

Eklof (2013) acrescenta que a ansiedade da informação é gerada devido ao desejo de absorver o máximo de informação possível e sentir-se sobrecarregado pela quantidade de informações que estão sendo filtradas e não ser capaz de processá-las. Às vezes, é descrita como um sentimento de culpa, como se fosse responsabilidade do indivíduo compreender todas as informações as quais tem acesso.

Durigan e Moreno (2013) afirmam que o domínio sobre o excesso de informação consiste em um dos maiores desafios da sociedade nos dias de hoje, decorrente da ausência de tempo para sua obtenção. Deve-se levar em consideração que o volume de informação disponível e o meio da sua transmissão leva grande parte da informação a não ter utilidade para o usuário. Caberá, então, saber a melhor forma de executar a filtragem do seu conteúdo.

Alves, Bezerra e Sampaio (2015) consideram que a ansiedade de informação emerge a partir do filtro realizado com as informações que nos são disponibilizadas e é importante ser capaz de geri-las, bem como realizar o uso apropriado das fontes de informação, de maneira a proporcionar o conteúdo que se está pesquisando e permitir a compreensão necessária.

Para Eklof (2013), a ansiedade da informação é uma questão séria, capaz de dificultar o sucesso de um grande percentual da população, seja em ambientes educacionais ou profissionais. Além disso, se tornou mais prevalente à proporção que as sociedades passam a valorizar a tecnologia, a multitarefa e o acesso instantâneo às informações. Logo, a maioria dos indivíduos apresenta, em algum momento, manifestações de ansiedade informacional, mesmo que não compreendam como iniciam essas sensações.

Toffler (2001) defende que a mente e seus processos decisórios, quando sobrecarregados, apresentam um comportamento irregular, capaz de danificar tanto a saúde

quanto a habilidade de reagir de forma racional, com a imprevisibilidade resultante da novidade, afetando o senso do que é real.

Todas as pessoas são acometidas, como refere Wurman (1991), por algum nível de ansiedade de informação que pode advir do excesso ou carência de informação. Nos encontramos rodeados por informações de referência, porém, se não formos capazes de usá-las, são meras fontes de ansiedade. Este autor elenca situações propícias para o desenvolvimento da ansiedade de informação: “não compreender a informação; sentir-se assoberbado por seu volume; não saber se uma certa informação existe; não saber onde encontrá-la; [...] saber exatamente onde encontrá-la e não ter a chave de acesso” (WURMAN, 1991, p.49).

A ansiedade de informação pode causar tanto o sofrimento psíquico quanto alterações comportamentais. Wurman (1991, 2005) evidencia uma série de comportamentos que em conformidade com o nível de ocorrência, sugerem ocorrer a ansiedade de informação: culpa associada ao volume de informações disponíveis; dificuldade para admitir que não detém informações para assumir um fato novo; frustração associada à capacidade de explicar uma informação; necessidade excessiva de se manter atualizado; reação emotiva diante de uma informação nova; recusa no uso de equipamento eletrônico que não sabe operar; necessidade de discutir um tema mesmo sem dispor de informações satisfatórias; navegação compulsiva em redes sociais; angústia diante dos botões e ícones de um equipamento eletrônico.

A ansiedade de informação pode se apresentar de várias formas, segundo Shedroff (2005):

1. Necessidade de estar sempre informado – frustração provocada pela incapacidade de conseguir se inteirar de tudo que acontece em volta, em decorrência da velocidade que as informações se apresentam. Os dados e informações são dinâmicos, se infiltram constantemente nos ambientes e invadem a atenção.
2. Qualidade das informações noticiadas – necessidade de estar continuamente “informado” em relação aos outros e desconsidera que a qualidade das notícias não pode ser substituída pela velocidade e quantidade. Percebe-se que as fontes de informações ocasionam o aumento das inutilidades e superficialidades.
3. Velocidade de disseminação das informações – sente culpa por não estar “mais informado” e não ter a capacidade de acompanhar o volume de dados considerados informação. Ilusão de que “saber” é mais importante do que compreender. O acesso fácil e rápido não garante a obtenção do conhecimento.
4. Arrogância de saber antes dos outros – comportamento ansioso que leva ao indivíduo sentir necessidade de se informar previamente, para quando for questionado por alguém

sobre um determinado tema, não seja surpreendido por desconhecer a respeito deste tema específico.

Wurman (1991) defende como uma possível estratégia, frente ao caos informacional decorrente do volume crescente de informação disponível, o entendimento e aceitação da complexidade do fenômeno informacional na atualidade e, então, amortizar a ansiedade de informação. Para tanto, o primeiro passo para enfrentar esta questão, deve ser a partir da distinção entre dados e informação.

Conforme o autor, a efetividade de uma informação acontece por meio de um processo cognitivo que guia o indivíduo à clareza de um fato. Enquanto os dados, possuem capacidade de estruturar informação, todavia, não direcionam o sujeito à um processo cognitivo resultando na construção ou reconstrução de um conhecimento.

Wurman (1991, 2005) acredita que a Arquitetura da Informação constitui um meio eficaz para amenizar a ansiedade de informação, à medida que fornece o acesso apropriado, onde permite o indivíduo encontrar a informação a qual necessita. Métodos para organização e representação da informação influenciam na sua recuperação, assim propicia o uso adequado e a diminuição da ansiedade de informação, pois as formas de estruturar a informação são finitas.

3.2 Tecnologias de Informação e Comunicação

Em termos etimológicos, a palavra informação é derivada no latim do verbo *informare*, que significa o sentido de “dar forma, ou aparência, por em forma, formar, criar [...] representar, apresentar, criar uma ideia” (ZEMAN, 1970, p. 156).

O autor referido traz a noção de informação ao referir que não é um termo restrito à matemática, mas também direcionado à filosofia, pois relaciona-se tanto a quantidade como a qualidade, do que se conecta à informação. Esta está ligada ao tempo e através deste, passa a ser ampliada, transportada, conservada e ganha mais intensidade.

Na visão de Capurro e Hjørland (2003) o significado epistemológico da palavra informação sofreu alteração pela modernidade para o sentido de “instruir” e fornecer conhecimento. Os autores citados defendem que se a informação é construída de acordo com a história em que ela “dá forma a algo”. Possivelmente, os indivíduos elaboram mecanismos de informação, como a imagem, memória e percepção, visando reconhecer, interpretar e transmitir significados.

Para Brookes (1980), a informação consiste em um elemento que gera transformações nas estruturas do indivíduo, em que estas são de natureza objetiva ou subjetiva. Deste modo, à

medida que uma mensagem é enviada, através de um conjunto de informações a um ser consciente, com base em um código conhecido pelo sujeito-emissor e sujeito-receptor, esta mensagem pode ser interpretada e, assim, passa a ter sentido. Quando o sujeito social faz o uso desta informação, para resolver problemas ou se informar acerca de determinada situação, há a produção de conhecimento. Este pode ser a simples identificação de algum objeto ou entendimento completo e correto deste mesmo objeto.

A palavra tecnologia tem origem na junção do termo *tecno*, do grego *techné*, que significa saber fazer, e *logia*, do grego *logus*, razão. Deste modo, tecnologia diz respeito à razão do saber fazer (RODRIGUES, 2001).

Takahashi (2000) descreve as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) como tecnologias utilizadas para o tratamento, a organização e a disseminação de informações. Estão incluídos, dentre outros recursos, os *smartphones*, os *tablets*, os computadores, as redes computacionais, os sistemas de telecomunicações, os aplicativos, inclusive a *internet*.

As TIC compõem uma extensa rede de comunicação, entre os usuários, que ultrapassa barreiras temporais, espaciais e territoriais, como também firma verdadeiras relações com os mais variados indivíduos no mundo (OLIVEIRA; BARROS; GOULART, 2016).

Moraes (2013, p.12) enfatiza que:

Essas tecnologias modificaram o tempo e espaço entre as relações do emissor com os estoques e os receptores da informação, proporcionando uma nova forma de lidar com o acesso à informação e as modificações relacionadas ao tempo e ao espaço de sua transferência.

Barros e Roldão (2017) relatam que o século XXI é caracterizado pelo avanço das TIC, abrangendo toda a série de instrumentos pertinentes à *internet*, como as redes sociais, os aplicativos e as plataformas digitais. Nessa circunstância, foi possível observar a larga utilização das redes digitais e a facilidade no âmbito da comunicação. Todavia, simultaneamente à constante exposição da sociedade aos meios informacionais relacionados à tecnologia, revelam-se problemas e patologias provocadas pela conectividade.

É inegável que a tecnologia direciona o tipo de sociedade na qual vivemos e possivelmente influencia na configuração (e reconfiguração) do modo de vida moderna (GARCÍA et al., 2000).

A informação alcançou uma difusão significativa por intermédio do desenvolvimento das TIC, pois antigamente a informação era escassa, enquanto hoje, encontra-se abundante. Um grande volume de informação deriva de meios distintos e, como produto deste excesso, tem-se a ansiedade. O fato de não acompanharmos o fluxo informacional, muitas vezes, nos desaponta ocasionando problemas de saúde mental (ALVES; BEZERRA; SAMPAIO, 2015).

O progresso, especialmente da *internet* e da sua atmosfera informacional, tem acarretado transformações expressivas quanto às formas de produção de conteúdo informacional (ARAYA; VIDOTTI, 2009). Como consequência, novos enfrentamentos e desafios relativos a problemas de saúde surgem em meio a este crescimento.

O gradual desenvolvimento das tecnologias proporciona a construção e o aperfeiçoamento das ferramentas para as mais variadas aplicações necessárias ao ser humano. Contudo, o acesso à *internet* transcorre qualquer outro meio existente, visto que os usuários acabam tornando-se reféns em decorrência dessa variedade de atribuições oferecidas pela rede conectada e pelos computadores (BARROS; RICHTER, 2013). Isto implica, ao mesmo tempo, o aparecimento de muitos distúrbios e problemas de saúde, bem como as patologias inerentes à evolução técnica viável através das tecnologias informacionais.

Eklof (2013) informa que o avanço tecnológico favoreceu a ampliação da ansiedade de informação, em que os sujeitos são pressionados a ficarem no ápice da infinitude de informações filtradas por meio da *Internet*, mediante *feeds* de notícias, *blogs*, *e-mails* e fóruns.

Entende-se que “A informação é de fato um fenômeno humano e social, que exige um olhar poli epistemológico, norteador pela compreensão da complexidade e que suscita a produção de conhecimento multifacetado” (OLIVEIRA, 2014, p.73). Neste direcionamento, Balkan e Adalier (2011) revelam que existem aspectos positivos e negativos frente à explosão da informação, assim como uma condição de ansiedade de informação surge ao passo que esses aspectos são analisados em se tratando da *internet*.

Lanzi (2012, p. 86) acrescenta que:

A sociedade contemporânea está marcada por uma série de tecnologias que medeiam às relações sociais, trazendo como um dos elementos-chave a *Internet*, enquanto meio de comunicação, nova possibilidade lógica de raciocínio e que permite a imediatividade, a extensão das fronteiras físicas, e mesmo uma economia globalizada.

Os efeitos do excesso da informação podem resultar em desordens psicológicas e físicas e, em especial, pelo uso das TIC. Durigan e Moreno (2013) mencionam que além das lesões por esforço repetitivo, por causa da utilização imprópria ou excessiva de computadores, existem várias doenças, ligadas de forma direta ou indireta à questão informacional, do tipo psíquico e comportamental. As pessoas se encontram expostas a uma imensa quantidade de informações as quais circulam a todo instante, rapidamente e por diversos recursos tecnológicos, promovendo geralmente muita ansiedade.

Diante do exposto, fica é evidente que os indivíduos estão propícios a desenvolverem ansiedade de informação, pois como declaram os autores citados, os indivíduos tentam obter e

captar a maior quantidade de informação em menor tempo que conseguir, porém, normalmente é inviável organizar adequadamente o excesso adquirido. Esta conjuntura pode refletir na manifestação de desgaste mental, fadiga dos neurônios, decepção, bem como estresse com complicações para o organismo, em episódios mais sérios.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

O método apresentado a seguir descreve todas as etapas deste estudo referentes à abordagem quantitativa e qualitativa.

4.1 Delineamento do Estudo

Trata-se de um estudo exploratório e descritivo, com abordagem quanti-qualitativa. De acordo com Gil (2017), os estudos exploratórios permitem maior proximidade com o problema, visando torná-lo mais evidente e considera-se os mais variados aspectos referentes ao fato ou fenômeno estudado.

O mesmo autor cita que o objetivo do estudo descritivo é descrever as características de determinada população ou fenômeno e podem ser elaboradas para identificar possíveis relações entre variáveis.

A abordagem qualitativa, segundo Minayo (2010), busca questões muito peculiares, com preocupação direcionada a um nível da realidade não mensurável e quantificável. Sua atuação baseia-se em desejos, significados, motivos, crenças, valores, e outros aspectos subjetivos inerentes ao ser humano e ao social.

Para Appolinário (2011, p.150), na abordagem quantitativa “variáveis predeterminadas são mensuradas e expressas numericamente. Os resultados também são analisados com o uso preponderante de métodos quantitativos”.

4.2 Cenário do Estudo

O presente estudo desenvolveu-se nas dependências do Centro de Ciências da Saúde (CCS) na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), uma instituição pública de ensino superior, localizada no município de João Pessoa - Paraíba.

O CCS dispõe de nove cursos na área de saúde: Enfermagem, Fisioterapia, Biomedicina, Terapia Ocupacional, Educação Física, Odontologia, Fonoaudiologia, Nutrição e Farmácia. Dentre estes, para compor os participantes do estudo, foi escolhido o curso de Enfermagem.

A escolha deste espaço deve-se ao fato de concentrar todos os universitários pertencentes ao curso de Enfermagem. Este público foi selecionado com o intuito de contribuir para esta área de conhecimento e identificar possíveis problemas que venham a interferir na formação de futuros profissionais da Enfermagem.

4.3 População e Amostra

Na abordagem quantitativa, a população estudada compreendeu 344 universitários de Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Para o cálculo da amostra foi utilizada a técnica de Amostragem Aleatória Estratificada (AAE), com alocação proporcional ao quantitativo de alunos de cada período.

Na AAE, a população é dividida em um número de subpopulações que não se sobrepõem, ou seja, o universo estudado é dividido em “estratos” (grupos). Tal técnica é muito utilizada para populações, cujos grupos possuem homogeneidade interna e heterogeneidade externa (MEDEIROS, 2013; FÁVERO, 2009).

De modo particular, a alocação proporcional leva em consideração que o número de unidades amostradas em cada estrato deve ser proporcional ao tamanho do mesmo (LOHR, 2010). Por esta razão, essa alocação foi utilizada neste estudo, uma vez que os estratos possuem tamanhos diferentes.

Para tanto, utilizou-se a seguinte fórmula para obter o tamanho total da amostra (LOHR, 2010):

$$n = \frac{\sum_{h=1}^H \left(\frac{N_h}{N}\right) P_h (1 - P_h)}{\frac{d^2}{z^2} + \frac{1}{N} \sum_{h=1}^H \left(\frac{N_h}{N}\right) P_h (1 - P_h)}$$

Em que:

H = Número total de períodos

N_h = Número de discentes por estrato

N = Número total de discentes que estão cursando Enfermagem na UFPB

n = Tamanho total da amostra

P_h = Proporção do h -ésimo estrato da população

D = Margem de erro

z = Quantil da distribuição normal de acordo com um nível de 100 $(1-\alpha/2)\%$ de confiança

Assim, os discentes foram estratificados por períodos (estratos), a fim de considerar suas peculiaridades, garantindo a homogeneidade interna e heterogeneidade externa dos estratos no processo. Desse modo, garante-se um aumento de precisão nas estimativas das características de toda população.

Atualmente, o curso de graduação em Enfermagem da UFPB contempla 10 períodos letivos e conta com uma população de 344 discentes, sendo 39 do primeiro período, 54 do

segundo, 40 do terceiro, 32 do quarto, 39 do quinto, 31 do sexto, 26 do sétimo, 23 do oitavo, 33 do nono e 27 do décimo período. A partir dos dados levantados, considerando um nível de confiança de 95% e uma margem de erro de 5%, obteve-se uma amostra de 181 universitários de Enfermagem. Após o cálculo da amostra total, necessitou-se saber quanto deste total seria destinado para cada estrato. A distribuição deu-se de maneira proporcional, através da seguinte fórmula (LOHR, 2010):

$$n_h = n \times \left(\frac{N_h}{N} \right)$$

Em que:

N_h = Número de discentes por estrato

N = Número total de discentes que estão cursando Enfermagem na UFPB

n = Tamanho total da amostra

Portanto, para coleta de dados, em cada estrato foi realizado um processo físico de aleatorização (sorteio), onde foram selecionados 21 discentes do primeiro período, 28 do segundo, 21 do terceiro, 17 do quarto, 21 do quinto, 16 do sexto, 14 do sétimo, 12 do oitavo, 17 do nono e 14 do décimo, totalizando 181 discentes da amostra total, conforme Tabela 1.

Tabela 1 - Valores utilizados para construção da amostra.

VALORES UTILIZADOS			
Período (h)	Número de discentes por período (N_h)	Proporção do h-ésimo estrato da população (p_h)	Tamanho da amostra por período ($n_h = n \times \left(\frac{N_h}{N} \right)$)
1	39	0,5	21
2	54	0,5	28
3	40	0,5	21
4	32	0,5	17
5	39	0,5	21
6	31	0,5	16
7	26	0,5	14
8	23	0,5	12
9	33	0,5	17
10	27	0,5	14
Total			181

Os participantes da pesquisa obedeceram aos seguintes critérios de inclusão: estar regularmente matriculado no curso de graduação em Enfermagem da UFPB; estar bloqueado; cursar do primeiro ao décimo período; demonstrar interesse em participar da pesquisa e concordar em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

4.4 Instrumentos de Coleta de Dados

Na abordagem quantitativa, para realizar a coleta de dados, utilizou-se um questionário estruturado (Apêndice A), a fim de discutir os efeitos da ansiedade de informação entre os universitários de Enfermagem em relação à saúde mental. O questionário foi elaborado pela pesquisadora e apresenta 20 questões de múltipla escolha, incluindo algumas abertas ou subjetivas.

Para verificar a consistência do referido instrumento, utilizou-se o coeficiente alfa de Cronbach (1951), desenvolvido para calcular a confiabilidade de um teste naquelas situações em que o pesquisador não tem a oportunidade de fazer outra entrevista com o indivíduo; contudo, precisa obter uma estimativa apropriada da magnitude do erro da medida. Nessas situações de pesquisa, também pode ser usado o método de partir ao meio (*Split-half method*), no qual os escores de duas subdivisões do instrumento são comparados para determinar sua confiabilidade.

A interpretação do alfa de Cronbach, todavia, está relacionada à interpretação que é dada para as estimativas de confiabilidade baseadas no método *Split-half*. Isso porque, o alfa é uma média de todos os coeficientes *Split-half* para um dado instrumento (CARMINES; ZELLER, 1979; CRONBACH, 1951). Em geral, escalas com valor alfa menor do que 0,70 são evitadas, por outro lado, o valor de alfa aumenta com o número de questões da escala; assim, escalas com vinte questões frequentemente apresentam valores de alfa próximo de 0,90. Valores de alfa altos são necessários, mas não suficientes, uma vez que é uma estimativa otimista da confiabilidade (STREINER, 1993).

Seja x_{ij} o i -ésimo escore do j -ésimo respondente, $i = 1, 2, \dots, k$, e $j = 1, 2, \dots, n$. Considerando-se um questionário com k itens, respondido por n pessoas. Para calcular o coeficiente alfa de Cronbach, aplicou-se a seguinte fórmula:

$$\alpha = \frac{k}{k-1} \left(1 - \frac{\sum_{i=1}^k S_i^2}{S_{soma}^2} \right),$$

Em que:

k é o número de itens, n é o número de respondentes;

S_i^2 é a variância dos n escores das pessoas a i -ésimo item ($i = 1, \dots, k$);

S_{soma}^2 é a variância dos totais T_j ($j = 1, 2, \dots, n$) de escores de cada respondente.

A consistência interna do questionário, segundo o valor de alfa, segue a regra apresentada no Quadro 1.

Quadro 1 - Consistência interna, segundo o valor de alfa.

Valor de alfa	Consistência interna
0,80 ou mais	Quase perfeito
0,61 -- 0,80	Substancial/aceitável
0,41 -- 0,60	Moderado
0,21 -- 0,40	Razoável
Menor do que 0,21	Pequeno

Fonte: Cronbach (1951).

No banco de dados analisado foi calculado a consistência interna do instrumento. O valor do alfa de Cronbach, considerando apenas os itens com escala dicotômica, foi igual a 0,692, o que mostra que a confiabilidade do instrumento é aceitável, segundo Landis e Koch (1977).

Na abordagem qualitativa, a coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada (Apêndice B), com 10 universitários de Enfermagem, selecionados por meio de sorteio aleatório da lista de frequência, correspondendo a todos os períodos do curso, ou seja, do primeiro ao décimo período, blocados, regularmente matriculados no curso de graduação em Enfermagem da UFPB, interessados em participar da pesquisa e que assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

As entrevistas foram agendadas previamente com os universitários, gravadas e posteriormente, transcritas. Não foi estabelecido um limite de tempo e os universitários ficaram livres para se expressarem.

4.5 Processamento e Análise dos Dados

Na abordagem quantitativa, os dados obtidos foram tabulados em planilha eletrônica, organizados por meio de codificação das variáveis e, posteriormente, importados para o *software* estatístico R, versão 3.5.1., que se encontra disponível gratuitamente para o processamento e análise.

Os dados foram analisados, a partir da estatística descritiva, com testes de associação entre variáveis e o ajuste do modelo de Regressão Logística. Conforme Barreto (2011), este modelo é um dos principais métodos de modelagem de dados em diversas áreas do conhecimento, em especial, na área de saúde. Nas últimas décadas, graças ao avanço científico da teoria e pela melhoria do processamento computacional desenvolvido para este tipo de método, os modelos de regressão apresentaram considerável aplicabilidade e desenvolvimento.

A Regressão Logística, segundo Fávero (2015), tem como principal objetivo, o estudo da probabilidade de ocorrência de um evento definido por Y , que se apresenta na forma qualitativa dicotômica ($Y= 1$ para descrever a ocorrência do evento de interesse e $Y= 0$ para descrever a ocorrência do não evento), baseado no comportamento de variáveis explicativas. Desta forma, é possível definir um vetor de variáveis explicativas, com respectivos parâmetros estimados, da seguinte maneira:

$$Z_i = \alpha + \beta_1 X_{1i} + \beta_2 X_{2i} + \dots + \beta_k X_{ki} + \varepsilon$$

Em que:

Z = função de ligação logística

α = representa a constante (intercepto)

β_j ($j = 1, 2, \dots, k$) = parâmetros de cada variável explicativa. Fornecem o impacto (contribuição) da variável explicativa j na ocorrência de ansiedade de informação.

X_{ji} = variáveis explicativas (métricas ou *dummies*)

i = cada observação da amostra ($i = 1, 2, \dots, n$), em que n é o tamanho da amostra)

ε = termo referente ao erro

Portanto, decidiu-se pelo uso deste modelo, com o intuito de mostrar a evidência de quais variáveis tornam-se relevantes para explicar a ocorrência de ansiedade de informação dos indivíduos que foram selecionados para compor a amostra clínica deste trabalho. O modelo de regressão logística tem a função de fornecer evidências acerca de uma relação de dependência entre a variável resposta (ansiedade) e algumas variáveis que pertencem ao conjunto das variáveis independentes, consideradas no instrumento do estudo (que podem ser qualitativas ou quantitativas), fornecendo importante auxílio para tomada de decisão frente ao desfecho. Neste estudo, o desfecho escolhido foi a variável descrita pelo item Q4 “você se considera ansioso em obter informação?”. Desta forma, denotando por Y , a variável resposta do estudo escolhida como desfecho, observa-se que:

$$Y = \begin{cases} 1, & \text{se respondeu SIM} \\ 0, & \text{se respondeu NÃO} \end{cases}$$

Assim, é possível atentar que o objetivo do método aplicado é buscar quais variáveis consideradas no presente estudo, fornecem evidências de ocorrência ou não da ansiedade de informação.

Logo, com o modelo definido, é necessário testar a sua validade, no que diz respeito a ser estatisticamente confiável, para explicar a ocorrência, se há ou não, ansiedade de informação. Este procedimento permite identificar as variáveis que não se ajustam

adequadamente ao modelo proposto, ou que têm forte influência sobre a estimação dos parâmetros (PENHA, 2002). Em regressão logística, há uma série de gráficos, testes de ajuste, e outras medidas para assegurar a validade do modelo. No entanto, pode-se destacar o teste de Hosmer-Lemeshow e a apresentação da razão de chance (Odds Ratio) relacionada ao surgimento do desfecho, a partir das estimativas dos parâmetros do modelo de regressão logística (Odds Ratio).

De modo geral, é uma medida da força de associação entre a exposição e o fenômeno, sendo calculada por meio da probabilidade de que um evento ocorra dividido pela probabilidade de que ele não ocorra (MEDRONHO et al. 2008; HOSMER; LEMESHOW, 2000). A grande vantagem de uso do método de Regressão Logística é que ela permite a estimação das razões de chance, após a identificação de todas as variáveis estatisticamente associadas ao desfecho, por meio de um nível de confiança pré-estabelecido.

Após o ajuste do modelo escolhido, para avaliar a adequação do mesmo, é utilizado o teste de Hosmer-Lemeshow e função desvio. O teste de Hosmer-Lemeshow é um teste que avalia o modelo ajustado, a partir da comparação entre as frequências observadas e esperadas, utilizando, como referência, uma estatística qui-quadrado, associando os dados às suas respectivas probabilidades de ocorrência de ansiedade estimadas pelo modelo. A função desvio é considerada uma medida de bondade de ajuste e é também conhecida por deviance (D) utilizada neste estudo, que identifica ao melhor modelo possível (PAULA, 2013).

Na abordagem qualitativa, o processamento dos dados ocorreu através do *software* livre IRaMuTeQ® (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), desenvolvido sob a lógica da *open source* e ancora-se no ambiente estatístico do *software* R e na linguagem *python*. Dentre as possibilidades de processamento, optou-se pela Classificação Hierárquica Descendente (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Utilizou-se a análise de conteúdo (AC) categorial temática, na qual Bardin (2016) descreve como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, com a finalidade de adquirir procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, possibilitando a inferência de conhecimentos inerentes às condições de produção/recepção dessas mensagens.

Dotada de rigor científico, a AC proposta por Bardin, possui em sua fase inicial, a pré-análise. Nesta etapa, o material é organizado, compondo o *corpus* da pesquisa, ou seja, as entrevistas. Nesse momento, para a preparação do *corpus* proveniente das entrevistas gravadas a ser processado no *software* IRaMuTeQ®, todo o material foi transcrito e digitado em *word*, sem nenhum corte. Nesta etapa, os documentos são escolhidos, as hipóteses são formuladas ou

reafirmadas, e inicia-se apontando os indicadores que nortearão a interpretação final (SANTOS, 2012).

A etapa seguinte é a leitura flutuante, ou seja, o contato inicial com as entrevistas. É a fase em que foram revistos as hipóteses e os objetivos da pesquisa. Neste momento, o *corpus* foi revisto, reescrito sem expressões coloquiais ou que não tinham importância para o processamento pelo *software*, como *né*, ou expressões vazias de significado, onde os/as entrevistados somente buscavam mentalmente expressões para complementar seu pensamento. Após a leitura flutuante, as entrevistas foram transcritas novamente, ou seja, foram limpas e processadas pelo *software* IRaMuTeQ®, em que foram codificados e agregados em unidades de registro. Para Bardin (2011), uma unidade de registro significa uma unidade a se codificar, podendo ser um tema, uma palavra ou uma frase.

A definição das categorias teve auxílio do *software* IRaMuTeQ® que utilizou critérios semânticos, sintático, léxico e/ou expressivo.

A última etapa é a inferência. Nesta etapa, o pesquisador retornará ao seu referencial teórico e ao contexto de onde emergiram as categorias para poder analisá-las. Há uma busca pela compreensão das causas que é a variável inferida, ancorada nos efeitos referente à variável de inferência (BARDIN, 2011).

4.6 Considerações Éticas

Seguindo os procedimentos formais e éticos para realização do presente estudo, o projeto foi apresentado no Grupo de Estudos e Pesquisa em Administração e Informática em Saúde e Enfermagem (GEPaIE), vinculado ao Departamento de Enfermagem Clínica (DENC) e ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) para emissão de parecer com autorização do seu prosseguimento.

Em seguida, solicitou-se o Termo de Anuência (ANEXO I), junto à coordenação do curso da graduação em Enfermagem da UFPB, com o propósito de conseguir a permissão para realização da pesquisa, no Centro de Ciências em Saúde (CCS), da referida instituição de ensino. Prontamente foi submetido à Plataforma Brasil, para apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa do CCS/UFPB, visando a análise ética e autorização para realização do estudo que foi aprovado sob o parecer nº 2.611.190 e o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 87242318.8.0000.5188 (ANEXO II). Por fim, iniciou-se a coleta de dados do estudo.

Vale ressaltar que ,durante todo o processo da pesquisa, principalmente na fase da coleta de informações empíricas, foram respeitados os aspectos éticos da pesquisa, de acordo com as

normas referidas pela Resolução nº 466/2012 do CNS/MS/BRASIL, que trata de pesquisas com seres humanos quanto ao sigilo, a confidencialidade das informações e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (APÊNDICE C), em duplicidade, sendo uma cópia para o participante e outra para o pesquisador. O TCLE apresenta informações sobre os benefícios, direitos e possíveis riscos aos envolvidos na pesquisa (BRASIL, 2012).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Serão apresentados os resultados e as discussões referentes às abordagens quantitativas e qualitativas do estudo.

5.1 Caracterização da Amostra

A prevalência da ansiedade, em obter informação entre os 181 universitários, foi de 80%. Quanto às variáveis de gênero, idade e período (Tabela 2), a média de idade foi de 22,75 anos (DP = 4,3), sendo que 53% tinham entre 21 e 25 anos. A maioria declarou ser do sexo feminino (85,6%) e 15,5% dos universitários pertenciam ao segundo período do curso de Enfermagem.

Tabela 2 - Caracterização da amostra. João Pessoa - Paraíba, 2018 (n=181).

Ansiedade em obter informação	n	%
Sim	145	80,1
Não	35	19,3
Não respondeu	1	0,6
Gênero		
Masculino	26	14,4
Feminino	155	85,6
Faixa etária		
17 a 20 anos	57	31,5
21 a 25 anos	96	53,0
26 a 30 anos	17	9,4
Acima de 30 anos	11	6,1
Número de participantes por período no curso		
1º	21	11,6
2º	28	15,5
3º	21	11,6
4º	17	9,4
5º	21	11,6
6º	16	8,8
7º	14	7,7
8º	12	6,6
9º	17	9,4
10º	14	7,7

Estudo realizado por Blundell e Lambert (2014), com 125 universitários em uma universidade de Ohio, Estados Unidos, verificou que nas variáveis sexo e raça/etnia há muitas oportunidades para exploração adicional em termos de ansiedade de informação e elementos que poderiam reduzi-la potencialmente.

No estudo de Ojo (2016), com 193 universitários na Universidade de Ibadan e Universidade de Educação Tai-Solarin, no sudoeste da Nigéria, constatou-se que não há correlação significativa entre as variáveis idade e gênero na ansiedade de informação nos universitários em ambas universidades. Vale ressaltar que se difere do presente estudo, uma vez que o curso escolhido, pela sua historicidade, é iminentemente feminino.

5.2 Ajuste do Modelo de Regressão Logística

Para os dados analisados no presente estudo, foi considerado, inicialmente, um modelo com todas as variáveis explicativas (Quadro 2), escolhidas neste segmento como sendo as que mais poderiam estar relacionadas à ocorrência da ansiedade de informação.

Quadro 2 - Variáveis explicativas relacionadas à ocorrência da ansiedade de informação. João Pessoa - Paraíba, 2018.

Questões	Variáveis explicativas
Q2	Sexo
Q11	O grande volume de informações disponibilizadas na <i>internet</i> auxilia ou prejudica na tomada de decisão para suas atividades acadêmicas e cotidianas?
Q14	Na sala de aula sempre busco alguma informação no meu <i>smartphone/tablet</i> mesmo que o professor esteja ministrando aula?
Q15	Marque os comportamentos que você apresenta em relação à forma que lida com a informação na sua vida.
Q16	Penso que a <i>internet</i> é a principal causa para minha ansiedade de informação?
Q17	Dentre os sintomas abaixo, marque qual(is) das manifestações você apresenta como resultado do excesso de informação.
Q18	Penso que a dependência da tecnologia móvel compromete a minha saúde mental e a concentração em sala de aula?
Q19	Percebo que o excesso de informação compromete o meu aprendizado e as minhas relações sociais (vida acadêmica e cotidiana)?

Na questão Q15, de múltiplas respostas, cada um dos itens disponíveis, como sendo uma variável em separado, resultando em 6 (seis) itens dicotômicos com resposta “sim”, se o

indivíduo marcou o item e “não”, caso o indivíduo não tenha marcado o item. Na questão Q17 de múltiplas respostas, cada um dos itens disponíveis, como sendo uma variável em separado, resultando em 15 (quinze) itens dicotômicos com resposta “sim” e “não”.

A partir da escolha destas variáveis, para o ajuste do modelo que buscou explicar a probabilidade de ocorrência de ansiedade de informação, decidiu-se aplicar o método Stepwise, muito útil em análise de regressão, para selecionar modelos com as variáveis mais importantes para explicar o desfecho, baseando-se em uma regra de decisão, através do cálculo do chamado, teste de razão de verossimilhanças em um determinado número de etapas.

Em cada etapa, as variáveis que apresentaram maior mudança no cálculo deste teste foram selecionadas, até que em um determinado número de etapas o método é finalizado, fornecendo finalmente evidência de quais são as variáveis mais importantes para explicação do desfecho (ansiedade de informação), ou seja, as que são significativas ao nível de 95% (apresentaram *p*-valores menores que 0,05). O Quadro 3 apresenta os resultados do ajuste do modelo escolhido após 17 etapas do método Stepwise.

Quadro 3 - Coeficientes estimados do modelo selecionado. João Pessoa - Paraíba, 2018.

Variáveis	Estimativa do coeficiente de regressão	<i>p</i> -valor	Razão de Chance (<i>Odds Ratio</i>)	I.C. para OR (95%)	
				Limite inferior	Limite superior
Volume de informação (Q11)	1,329	0,0194	3,779	1,240	11,516
Sala de aula (Q14)	1,195	0,0214	3,304	1,194	9,144
Crença de que o outro compreende tudo (Q15.7)	1,949	0,0155	7,019	1,448	34,017
Queda de desempenho (Q17.7)	1,646	0,0131	5,188	1,413	19,052
Indisposição (Q17.8)	1,277	0,0704	3,587	0,899	14,312
Distúrbios do sono (Q17.9)	1,622	0,0010	5,065	1,932	13,278
Dor de cabeça (Q17.10)	1,404	0,0080	4,073	1,441	11,507
Constante	-8,239	0,000*	-	-	-

**p*-valor menor que 0,001; IC = Intervalo de Confiança; OR = Odds Ratio.

Os resultados mostram, ao nível de 95% de confiança, que todas as variáveis julgadas, significantes pelo método Stepwise, influenciam positivamente na ocorrência de ansiedade de informação, ou seja, a mudança de um nível para o outro, em cada variável (passagem da

categoria “não” para a categoria “sim”), interfere na chance de ocorrência de ansiedade de informação, pois todos os valores dos coeficientes de cada variável (excluindo o termo constante do modelo) são positivos.

Em relação ao volume de informação, os resultados fornecem evidência ao nível de confiança de 95% que uma pessoa, na qual acredita que o volume de informação auxilia na sua tomada de decisão, tem aproximadamente um aumento de 3 vezes na chances de ter ansiedade de informação, quando comparada a uma pessoa na qual considera que o volume de informações não auxilia. Esta chance pode ser de, até, 11,5 vezes, como mostram os resultados do intervalo de confiança para a razão de chance relacionada a esta variável.

Eppler e Mengis (2004) alegam que o volume de informação recebido por um tomador de decisão, relaciona-se de forma positiva no desempenho da tomada de decisão. Os requisitos de processamento de informações de uma atividade excedem a capacidade de processamento de informações do decisor, enviando-os para um estado de sobrecarga de informação. Johnson (2012) reforça que a neurociência e a psicologia cognitiva apontam que os efeitos fisiológicos causados pela informação podem repercutir na capacidade de tomar decisões.

Bawden e Robinson (2009) comentam que muita informação gera um ambiente propício para o desenvolvimento de ansiedade, confusão e incerteza. A sobrecarga de informação encontra-se comumente correlacionada a um sentimento de perda de controle da situação, visto que nem sempre toda a quantidade de informação disponível será realmente importante e útil. A percepção de sobrecarga de informação pode ocorrer em razão de uma sensação negativa inerente às informações disponíveis para realização de qualquer atividade.

Quanto à busca por informação em sala de aula, os resultados presentes neste estudo, fornecem evidências de que uma pessoa que busca informação em sala de aula tem aproximadamente um aumento de 3,3 vezes mais chances de ter ansiedade por informação, se comparado a uma pessoa que não busca informação em sala de aula. Todavia, esta chance pode ser de até 9 vezes, como mostram os resultados do intervalo de confiança para a razão de chance relacionado a esta variável.

Ojo (2016) refere que os alunos de graduação experimentam níveis elevados de ansiedade por informação e, conseqüentemente, sobrecarga de informações quando as buscam especialmente para atender a uma necessidade de informação acadêmica.

Outro aspecto a ser analisado, trata-se acerca dos comportamentos. Os resultados fornecem evidências de que uma pessoa a qual acredita que as outras pessoas compreendem tudo, e ela não, tem aproximadamente um aumento de 7 vezes mais chances de sentir ansiedade de informação em relação a uma pessoa que não acredita que o outro compreende tudo. Mas se

ela acha que sim, esta chance pode ser de até 34 vezes, como mostram os resultados do intervalo de confiança para a razão de chance relacionada a esta variável.

Para Wurman (1991), a gradativa preocupação dos sujeitos com a suposta incapacidade de tratar, entender, manipular ou compreender a proliferação de informações, causa impacto na vida. Nesta lógica, os indivíduos se sentem inseguros e inquietos, e passam a acreditar que não possuem a capacidade de compreender informações, tão quanto os outros compreendem.

Todavia, em relação aos sintomas, os resultados fornecem evidências de que uma pessoa a qual informou apresentar queda de desempenho, por causa do excesso de informação, tem aproximadamente um aumento de 5 vezes mais chances de sentir ansiedade por informação em relação a uma pessoa a qual acredita não apresentar queda de desempenho. Conforme evidência estatística, esta chance pode ser de, até, 19 vezes, como mostram os resultados do intervalo de confiança para a razão de chance relacionada a esta variável.

Enquanto, o volume de informações disponíveis se expande, Jackson e Farzaneh (2012) afirmam que, os indivíduos permanecem sobrecarregados diante da enxurrada de informações. Consequentemente, pode reduzir o desempenho e a produtividade, afetar o aprendizado e a inovação, comprometer a tomada de decisão e o bem-estar.

Uma pessoa que informou apresentar indisposição, motivada pelo excesso de informação, não tem nem mais nem menos, chances de apresentar ansiedade de informação, quando comparada a uma pessoa que não apresenta indisposição, como mostram os valores do intervalo de confiança (valor 1,0 está presente no intervalo).

Portanto, decidiu-se manter esta variável no modelo, pois a sua presença contribuiu para que outras variáveis fossem consideradas significativas pelo método ao se ajustar o modelo como um todo, o que sugere que, de alguma forma, a indisposição interage com algumas das variáveis consideradas no modelo. No entanto, é possível afirmar pontualmente que a indisposição presente é um fator que torna a chance de ocorrência de ansiedade de informação, aproximadamente 3,6 vezes maior, quando comparada à indisposição ausente.

Uma pessoa que informou apresentar distúrbios do sono, tendo em vista o uso excessivo de tecnologias de informação tem, aproximadamente, um aumento de 5 vezes mais chances de desenvolver a ansiedade por informação, quando comparada com uma pessoa que informou não apresentar distúrbios do sono, e esta chance pode ser de até 13,28 vezes, como mostram os resultados do intervalo de confiança, para a razão de chance relacionada a esta variável.

Para Chaves et al. (2015), entendem-se que a ansiedade consiste em uma resposta fisiológica do ser humano ao meio em que está incluído e as situações de sua vivência.

Entretanto, quando se torna patológica, caracteriza-se por diversas manifestações das quais estão os distúrbios do sono.

Sabe-se que o sono possui uma função indispensável na saúde e no bem-estar dos indivíduos. A qualidade de sono repercute na saúde mental e física, como também na qualidade de vida. Sua ação nas reações biológicas envolve desde a estabilização da memória até a restauração do metabolismo energético cerebral (REIMÃO, 1996; FERRARA; GENNARO, 2001).

Porém, o padrão de sono está associado à ansiedade, podendo emergir a criação de um círculo vicioso: ansiedade - padrão de sono (alterado) - ansiedade. Os distúrbios do sono aliados à ansiedade acarretam danos cognitivos, físicos, emocionais e desequilíbrio na imunidade (ANDRADE et al., 2017). Nessa perspectiva, os distúrbios de sono, em decorrência do uso excessivo de tecnologias de informação, em que os universitários se deparam no âmbito acadêmico, podem desencadear um comportamento de ansiedade.

Noutro aspecto, uma pessoa que informou apresentar sintomas de dor de cabeça causado supostamente pelo uso abusivo de tecnologias de informação tem, aproximadamente, um aumento de 4 vezes mais chances de sentir ansiedade, quando comparada com uma pessoa que não apresenta dor de cabeça, e esta chance pode ser de até 11,5 vezes, como mostram os resultados do intervalo de confiança para a razão de chance relacionada a esta variável.

Farhoomand e Drury (2002) referem que a sobrecarga de informações pode gerar impactos na vida pessoal e leva o indivíduo a se sentir ansioso, estressado ou pressionado. Assim sendo, o estado de saúde é comprometido mediante manifestações que vão desde uma dor de cabeça até uma depressão.

A Tabela 3, apresenta os resultados do teste de Hosmer e Lemeshow, que tem o objetivo de testar se o modelo é adequado para explicar o desfecho com o conjunto de variáveis consideradas, ou seja, se o conjunto de fatores das TIC, identificados pelo modelo, contribui para o aumento da ansiedade de informação, com base no nível de confiança estabelecido. Ao nível de 95% de confiança, é possível afirmar que, de fato existe evidência de que o desfecho “ansiedade de informação” pode ser explicado adequadamente pelo conjunto de variáveis indicadas pelo método Stepwise, pois o *p*-valor do teste foi maior que 0,05.

Tabela 3 - Resultados do teste de Hosmer-Lemeshow. João Pessoa - Paraíba, 2018.

Estatística Qui-Quadrado	Graus de Liberdade	p-valor
10,409	8	0,238

Neste sentido, o ajuste do modelo de Regressão Logística aplicado foi capaz de fornecer evidências sobre quais fatores estão relacionados com a ocorrência de ansiedade de informação presente nos universitários de Enfermagem da UFPB. Portanto, a partir do ajuste do modelo, verificou-se evidências, conforme a influência das variáveis a seguir:

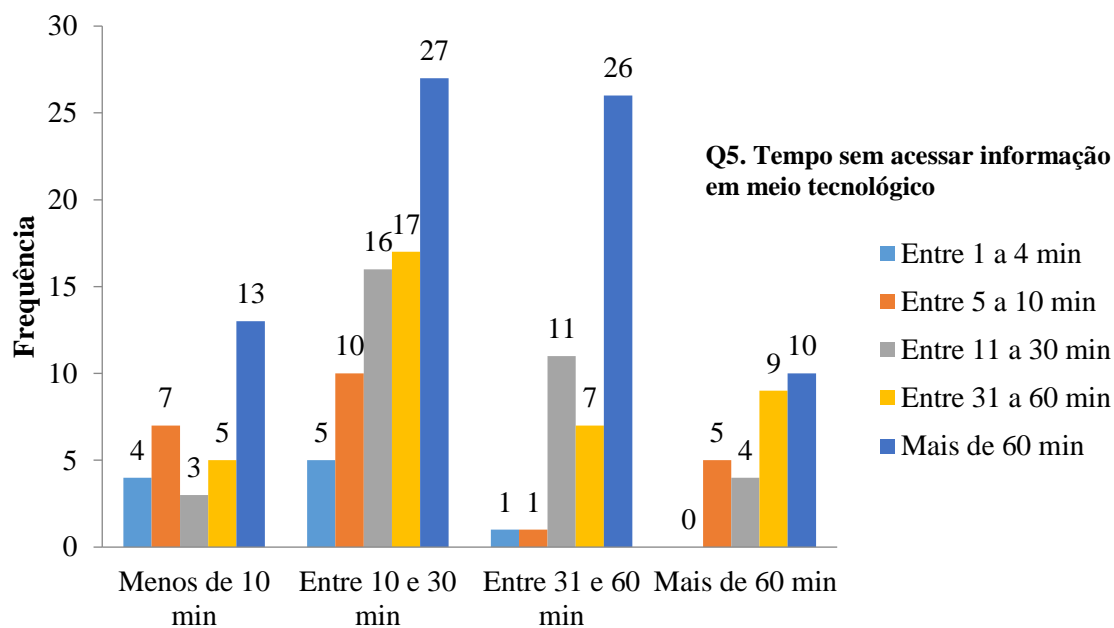
- **Q11** (Volume de informação);
- **Q14** (Sala de aula);
- **Q15.7** (Crença de que o outro compreende tudo);
- **Q17.7** (Queda de desempenho);
- **Q17.8** (Indisposição);
- **Q17.9** (Distúrbios do sono);
- **Q17.10** (Dor de cabeça).

Além disso, foi verificado também que, de modo geral, o modelo de Regressão Logística utilizado para explicar a ansiedade de informação possui um poder preditivo geral de aproximadamente 84,9% dos casos. Isto significa que há um desempenho “bom” para explicar o fenômeno, através das variáveis consideradas. Na prática, o modelo mostra que se um indivíduo for entrevistado com base apenas nos fatores das TIC identificadas, existe uma chance de 84,9% de que o diagnóstico de ocorrência (ou não) de ansiedade da informação aconteça.

Sob outra perspectiva, procurou-se avaliar a associação entre variáveis presentes no instrumento relacionadas à manifestação de ansiedade de informação pelos universitários. Foi realizado o cruzamento entre Q5 e Q8, Q6 e Q7. As questões selecionadas foram:

- **Q5** - Quanto tempo consegue ficar sem acessar alguma informação em qualquer meio tecnológico (*smartphone, tablet, computador* ou outros)?
- **Q8** - Quanto tempo em média leva para encontrar informações sobre suas atividades acadêmicas?
- **Q6** - Qual sua opção de busca, quando precisa de informações relacionadas ao processo ensino-aprendizagem (conhecimento cognitivo) para suas atividades acadêmicas?
- **Q7** - Qual sua opção de busca, quando precisa de informações gerais (política, esporte, cultura, lazer e outros) para suas atividades cotidianas? Os dados referentes ao cruzamento entre as variáveis Q5 e Q8, conforme o Gráfico 1, mostram que, considerando-se as categorias de atividades acadêmicas, a maioria dos respondentes consegue ficar mais de 60 minutos sem acessar alguma informação. É importante observar que a maioria dos entrevistados leva em torno de 10 a 30 minutos para encontrar informações sobre atividades acadêmicas.

Gráfico 1 - Distribuição dos universitários, segundo cruzamento entre níveis das variáveis Q5 e Q8. João Pessoa - Paraíba, 2018.



Q8. Tempo para encontrar informações sobre atividades acadêmicas

Contudo, foi verificado ainda que, ao nível de 95% de confiança, existe evidência de associação entre estas variáveis (p -valor do teste exato de Fisher igual a 0,038). Após a realização deste teste, e detectada existência de associação, foi verificada a força da associação, através do cálculo do coeficiente V2 de Cramer, adequado para tabelas de ordem superior a 2 x 2, conforme a Tabela 4:

Tabela 4 - Descrição da força da associação, através do valor calculado do V2 de Cramer.

Valor de alfa	Consistência interna
0,50 ou mais	Associação forte
0,30 -- 0,50	Associação moderada
0,10 -- 0,30	Associação fraca
0,00 -- 0,10	Associação muito fraca/inexistente

Fonte: McHugh (2013).

Desta forma, quando foi realizado o cálculo do coeficiente, verificou-se que o valor de alfa foi igual a 0,20, apesar do nível de 95% de confiança, apresentou uma associação fraca, mesmo com evidência de que existe associação entre Q5 e Q8.

Análise similar foi realizada, no que diz respeito ao cruzamento entre todos os itens da questão 6, relacionado as atividades acadêmicas: (Biblioteca, Google, Redes Sociais, Amigos

e Outras Fontes) e todos os itens da questão 7, relacionado as atividades cotidianas: (Biblioteca, Google, Redes Sociais, Amigos e Outras Fontes).

Assim, para facilitar a análise, o Quadro 4 apresenta todos os p -valores referentes aos testes de associação. Em destaque itálico, encontram-se apenas os p -valores que fornecem evidência da existência de associação entre alguns dos itens. É importante observar que não foram realizados cruzamentos entre os itens de mesmo nome, para cada variável, pois não traria sentido para a análise.

Quadro 4. p -valores referentes aos testes de associação entre os itens das variáveis Q6 e Q7. João Pessoa - Paraíba, 2018.

VARIÁVEIS		Q7 Atividades Cotidianas				
		Biblioteca	Google	Redes Sociais	Amigos	Outras Fontes
Q6 Atividades Acadêmicas	Biblioteca	-	0,510	<i>0,000*</i>	<i>0,000*</i>	1,000
	Google	1,000	-	0,538	0,453	0,219
	Redes Sociais	1,000	0,432	-	<i>0,000*</i>	1,000
	Amigos	0,220	0,121	<i>0,000*</i>	-	1,000
	Outras Fontes	0,207	1,000	<i>0,003</i>	<i>0,037</i>	-

* p -valor menor que 0,01.

Os resultados mostram que, todos os itens da questão 6 (Qual sua opção de busca, quando precisa de informações relacionadas ao processo ensino-aprendizagem (conhecimento cognitivo) para suas atividades acadêmicas?) forneceram evidência de terem associação com os itens Redes Sociais e Amigos da questão 7 (Qual sua opção de busca, quando precisa de informações gerais (política, esporte, cultura, lazer e outros) para suas atividades cotidianas?), exceto o item Google da questão 6. As forças das associações, fornecidas pelo coeficiente de contingência, adequado para tabelas de contingência de ordem 2 x 2 e, cuja interpretação é a mesma que o V de Cramer.

Destarte, os testes de associação entre os itens das questões 6 e 7 evidenciaram que as opções de busca dos universitários de Enfermagem, quando necessitam de informações para suas atividades cotidianas e acadêmicas, são as Redes Sociais e os Amigos.

Corroborando com os resultados, um estudo realizado por Portilla (2016) com 60 universitários da Faculdade de Educação da Região de Lima - Peru, verificou que a rede social é preferência, como opção de busca para informações, sendo o Facebook, a principal (50%). Outra pesquisa de Malaquias et al. (2017) revelou que 12 universitários entrevistados, do curso de Administração, em uma Universidade Pública do Estado de Minas Gerais - Brasil, também consideram os amigos como fonte de informação.

No entanto, resultado diferente foi encontrado no estudo de Manhique e Varela (2016), com 40 estudantes de graduação, de diversos cursos da Universidade Eduardo Mondlane de Moçambique, em que apenas 10% apontaram os amigos como opção de busca para informações.

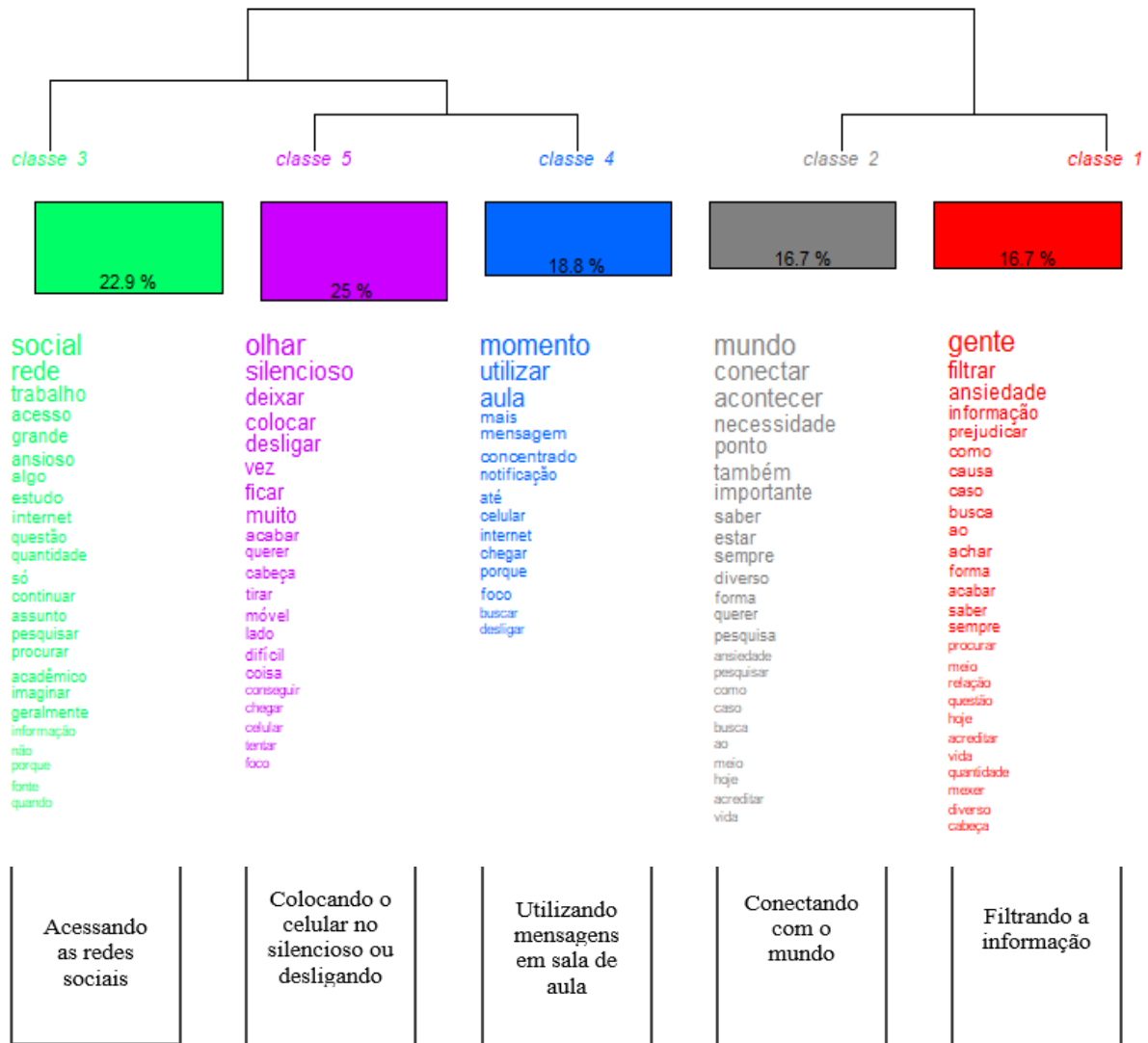
5.3 Análise dos Dados Qualitativos

Baseado no *corpus* original, aconteceu a recuperação dos segmentos de textos e a associação de cada um, possibilitando o agrupamento das palavras estatisticamente significativas e a análise qualitativa dos dados. Então, cada entrevista é denominada de Unidade de Contexto Inicial (UCI). As Unidades de Contexto Elementar (UCE), ou segmentos de texto que compõem cada classe, são adquiridas com base nas UCI e possuem vocabulário similar entre si e distintos das UCE das outras classes (CAMARGO; JUSTO, 2013).

O processamento do *corpus* foi realizado em 31 segundos e foram observadas: 1.850 ocorrências de palavras, 54 segmentos de texto, 553 formas, 60 formas suplementares, formas ativas com a frequência $\geq 3,94$, média das formas por segmento de 34.259.259 e 5 classes, obtendo-se um aproveitamento de 88,89%.

Após a transcrição e leitura do material arquivado, construiu-se um modelo analítico composto por categorias que corresponderam às classes de palavras geradas pelo *software*. Na Figura 1, pode-se visualizar o dendograma que demonstra as categorias (classes) advindas das partições do conteúdo.

Figura 1 - Dendograma com as classes identificadas. João Pessoa - Paraíba, 2018.



Com o dendograma foi possível a visualização das palavras que alcançaram maior porcentagem, quanto à frequência média entre si e diferente entre elas. Esse dicionário de palavras propiciou, por meio da utilização do qui-quadrado (χ^2), das palavras que apresentaram valor maior que 3,94 e $p < 0,0001$.

Para a análise dos dados processados, optou-se pela Técnica de Análise de Conteúdo Modalidade Temática de Bardin (2011). Posteriormente, com os dados processados, foi iniciada a análise das cinco classes ou categorias fornecidas pelo *software* IRaMuTeQ®, em que as UCE agrupadas são lidas exaustivamente visando compreender e nominar cada classe.

Para atribuir sentido às classes, houve um momento de grande imersão nos objetivos e no processamento realizado pelo IRaMuTeQ®. Neste momento, foi visto o que as palavras que compõem as classes significariam para a pesquisadora.

A leitura do Dendograma é feita pelas partições, como mostrado na figura 1. Na primeira partição, o *corpus* foi dividido na classe 3, que teve uma nova partição nas classes 5 e 4 e uma nova partição que emergem as classes 2 e 1.

Classe 1- Filtrando a informação

A classe 1 obteve 16,7% do *corpus* processado, sendo composta por universitários do oitavo e nono período. As palavras que mais se destacaram foram: gente, filtrar, ansiedade, informação e prejudicar. Um aspecto relevante na fala dos entrevistados, vinculou-se à necessidade de filtrar as informações, como uma estratégia para que as fontes de informação se tornem mais confiáveis:

[...]a gente tem que ter cuidado e saber filtrar as informações; tem que ter sempre o cuidado de procurar as fontes confiáveis (E02; per.08; sex. fem.).

A análise deste fragmento de fala, permite a articulação com a visão de Dutra e Barbosa (2017), quando alertam que, após as fontes de informação serem identificadas, é indispensável a análise da qualidade destas, como meio de garantir maior segurança na tomada de decisão, proporcionando a seleção de fontes mais confiáveis e, por conseguinte, coletas com êxito.

O quantitativo de dados disponíveis, nas mais variadas fontes, tem ampliado significativamente. Estas fontes possuem diferenças expressivas, tais como: a precisão e a relevância. Assim, fica evidente à medida que se realiza uma consulta na *internet*, mediante mecanismos de busca comum, em que milhares de resultados são obtidos, no entanto, apenas poucos atendem, de fato, às necessidades do usuário (FAVARETTO, 2007).

Acredita-se que durante a busca de informações, os indivíduos deveriam ter acesso apenas ao conteúdo que realmente corresponde aos seus interesses. Neste seguimento, Dutra e Barbosa (2017) citam que, diante do quantitativo de informação disponível, uma maneira de classificar e identificar as informações é por meio de uma avaliação qualitativa, que melhor atende às necessidades e aos interesses dos usuários.

No que tange ao aglomerado de informações disponíveis, a não filtragem da informação, segundo a percepção da entrevistada, estaria associada ao desenvolvimento da ansiedade de informação, como sinaliza a fala:

[...]acho que é uma coisa positiva, hoje em dia, ter uma grande quantidade de informação, mas é necessário saber filtrar [...]se não tiver um foco ou não souber filtrar, acho que é justamente por causa disso que se desenvolve uma ansiedade (E16; per.09; sex. fem.).

Nessa linha, Dutra e Barbosa (2017) mencionam que a explosão informacional, na maior parte, é decorrente do aparecimento da *internet* e da evolução das TIC, e traz à tona a não confiabilidade das informações adquiridas, através das fontes digitais. Deste modo, são necessários cada vez mais recursos capazes de propiciar informações mais confiáveis.

A relevância da informação é descrita por Arouck (2011), como a propriedade a qual reconhece o valor, interesse ou efeito da informação para a finalidade proposta e a qualifica como relevante ou irrelevante. Em face do excesso de informações, Pijpers (2010) conclui que a capacidade de atenção voluntária e focalizada constitui um fator importantíssimo para diferenciar as informações relevantes das irrelevantes.

O grande volume de informação disponível resulta em “patologias da informação”, ocasionadas em decorrência da diversidade e quantidade de informação acessível (BAWDEN; ROBINSON, 2009). Isto remete à fala de um dos universitários (E16; per.09; sex. fem.), quando relata que se não souber filtrar as informações, o indivíduo está passível a desenvolver ansiedade. Neste caso, a ansiedade por informação.

Infere-se que, pelo fato de pertencerem ao oitavo e nono período, estes universitários encontram-se em uma fase de maturidade acadêmica que os permitem ter mais conhecimento para seleção de informações, método de busca e provavelmente otimizam melhor o seu tempo durante as pesquisas científicas. Por se tratar do final do curso de Enfermagem, os discentes possuem mais atribuições, atividades de pesquisa e extensão, o que de certo modo, justifica a necessidade de se otimizar o tempo no momento de busca de informações via *internet*.

Classe 2 – Conectando com o mundo

A classe 2 obteve 16,7% do *corpus* processado, presente na fala dos universitários pertencentes ao primeiro, sexto e sétimo período. As palavras que mais se destacaram foram: mundo, conectar, acontecer, necessidade e ponto. Verificam-se relatos quanto ao posicionamento dos entrevistados frente à conexão com o mundo virtual:

[...]é raro ter essa necessidade de estar sempre conectada com o mundo virtual.[...]no dia a dia, não tenho muito essa necessidade de estar sempre conectada, eu consigo controlar meus impulsos de acordo com a prioridade, se aquela informação é importante preciso dela imediatamente sem controle, eu tenho que pesquisar logo e tenho que saber (E04; per.06;sex. fem.).

[...]ansiedade de buscar, tentar conhecer logo alguma coisa, estar sempre conectado tentando saber o que está acontecendo no país e no mundo, busco as informações que quero saber, mas não deixo que elas me afetem (E08; per.07;sex. masc.).

Observa-se contradição em ambas as falas. No primeiro fragmento de fala, a princípio a entrevistada afirma que não tem necessidade de se conectar com o mundo virtual e possui controle sobre seus impulsos na busca de informação, mas ao mesmo tempo, perde o controle quando precisa de imediato. Subentende-se que, a universitária não apresenta autocontrole quando se depara com a necessidade de saber alguma informação. Enquanto, no outro fragmento, o entrevistado demonstra a necessidade de conexão virtual, mas não percebe que não possui autocontrole sobre a busca de informações.

Sob essa perspectiva, Wills et al. (2006, p.265) definem autocontrole como:

[...] um grupo de habilidades relacionadas que envolvem aspectos tais como focar e mudar a atenção, comportamento de monitoramento, relacionar comportamentos e consequências ao longo do tempo, e considerar alternativas antes de agir.

A necessidade imediata de informação corresponde a necessidade sentida pelo indivíduo em um determinado momento no qual requer uma satisfação específica e rápida (ALLEN, 1980). Para Le Coadic (1998), a necessidade de informação (NI) tem origem mediante um impulso de natureza cognitiva, direcionado pela existência de uma situação pontual, seja pelo alcance de um objetivo ou resolução de um problema, em virtude da detecção de um conhecimento limitado. A NI evolui e se estende, pois sofre transformações com o passar do tempo, como resultado da exposição às diferentes informações iniciais e sua produção é dinâmica provocando novas necessidades.

Ainda sobre necessidade de se conectar com o mundo virtual, foi perceptível o sentimento de solidão, referido pela entrevistada, caso fosse impossibilitada de ter acesso às suas notificações no *smartphone*, como ilustra a fala a seguir:

[...] caso não tivesse acesso às minhas notificações durante a aula eu me sentiria meio desconectada do mundo, iria buscar alguma forma; algum ponto para me conectar porque é meio indispensável no mundo de hoje saber o que está acontecendo lá fora (E01; per.01; sex. fem.).

A escolha de se manter durante um longo tempo conectado demonstra influências negativas na rotina das pessoas, pois não usufruem da presença física de outros indivíduos, apropriadamente, e ainda se colocam em uma condição de vulnerabilidade diante de problemas de saúde como a solidão, ansiedade e depressão. Estas condições podem acometer vários grupos de faixa etária e com características sociodemográficas distintas, todavia, estudos indicam os universitários como grupo de risco (MAYATE; BLÁS, 2014; MÉA; BIFFE; FERREIRA, 2016).

Hawkey e Cacioppo (2010) relatam que os significados atribuídos à solidão aludem sobre uma deficiência nas relações sociais, sendo vista, subjetivamente, como o isolamento

social. Reportam-se acerca da insatisfação com os relacionamentos sociais vivenciados pelos indivíduos e são apreendidos como insuficientes ou inadequados, gerando uma reação afetiva, através de um sentimento que engloba o vazio e a tristeza.

Fortim e Araújo (2013) acreditam que a dependência da internet pode funcionar como um mecanismo de fuga pelo indivíduo, para enfrentar o sentimento de solidão, proveniente da atual configuração da sociedade, cujos contatos presenciais estão se tornando mais raros.

Sob um outro panorama, Rüdiger (2012) comenta que, por estarmos presos à tecnologia em certos momentos, experienciamos uma vida social realizada, enquanto em outros, nos sentimos isolados, embora em companheirismo com diversos estranhos. Neste espaço tecnológico, nos reinventamos como personagens *online*, que permite outras vidas, novos corpos, lares e romances, mas em meio a estas possibilidades, inesperadamente, somos passíveis ao total sentimento de solidão. Contribuindo com este pensamento, Turkle (2011, p. 280) afirma que:

Desfrutamos da conexão permanente, mas raramente temos toda a atenção do outro. Podemos ter audiência instantânea, mas nivelamos por baixo o que temos a dizer uns aos outros. Gostamos de saber que a rede nos conhece, mas isso só é possível porque comprometemos nossa privacidade [...].

Vivemos em função da tecnologia, então quando nos deparamos sem os meios de comunicação, nos traz um sentimento de angústia. Esta ausência é responsável por um novo desconforto cultural, a sensação de estar desconectado, motivada pela perda de acesso às redes e aos aparelhos tecnológicos em que, crescentemente, mantém nossa subjetividade. Assim, tem-se um mundo com indivíduos os quais substituem a interação imediata com seus semelhantes para viver em companhia dos dispositivos móveis (TURKLE, 2011; RÜDIGER, 2012).

Classe 3 – Acessando as redes sociais

A classe 3 obteve 22,9% do *corpus* processado, sendo composta por universitários pertencentes ao terceiro, quarto, sexto e décimo período. As palavras que mais se destacaram foram: social, rede, trabalho, acesso e grande. Os universitários relatam acerca do significado atribuído às redes sociais:

[...]não necessariamente sempre que eu abro as minhas redes estou à procura de algo, geralmente eu vou estar só checando a rede social.[...]procura incessante pelas redes sociais, sempre estar querendo abrir o celular para visualizar alguma coisa, mesmo que aquilo não lhe preencha de alguma forma, mas estar sempre à procura de saber o que se passa ao redor da sua cidade e do mundo em geral (E21; per.03; sex. fem.).

Neste fragmento de fala, nota-se uma incoerência quanto o acesso às redes sociais, visto que, no primeiro momento a entrevistada afirma que acessa as redes sociais apenas para checá-las, mas posteriormente menciona sobre a necessidade de estar sempre usando o *smartphone*, pelo menos para visualizar alguma notificação, mesmo que este ato cause um vazio. Subentende-se que a universitária usa o celular devido sua compulsão em se manter conectada e informada sobre as informações presentes nas suas redes sociais, motivada pela sensação de satisfação e prazer fornecida pela conexão com o mundo virtual.

Com base nesta conjuntura, identifica-se um comportamento relacionado à serendipidade, quando a entrevistada checa suas redes sociais sem uma causa específica, mas que implica na descoberta de eventuais informações. Também conhecida como serendipismo, serendiptismo ou ainda serendipitia, Said Ali (1964) define como um neologismo referente a descobertas bem-sucedidas realizadas, aparentemente, por acaso.

Ainda no mesmo comentário, está implícita uma necessidade de suprir um vazio, que permeia por trás da busca incessante pelas redes sociais. Esta questão pode ser esclarecida mediante a discussão inerente à modernidade líquida na qual reporta-se às relações rasas e superficiais na atualidade, com o advento das TIC (BAUMAN, 2001).

À vista disso, a gama de conteúdos atrativos e instigantes nas redes sociais fornecem um contato aprazível e, simultaneamente, propiciam a fantasia e o desempenho de papéis os quais podem ser favoráveis ao uso abusivo da internet, como também à facilidade de acesso. Ademais, parece que a viabilidade de acompanhar o cotidiano de outros indivíduos, nem sempre acessíveis nos contatos presenciais, gera intensos estímulos nos jovens. Isto posto, questiona-se frente à essa nova realidade social sobre a qualidade dos relacionamentos estabelecidos, pois ainda que sejam importantes pela quantidade, são provavelmente frágeis como vínculos e atrelados ao adoecimento psicológico e social (BAUMAN, 2001, 2003, 2009; YOUNG; ABREU, 2011; TERROSO; ARGIMON, 2016).

Na atual sociedade da informação e do conhecimento, a informação, assim como seu acesso, propagação e compartilhamento, passam a ser valorizados. Cada vez mais, os sujeitos buscam novas maneiras de se manterem conectados e interligados, como elucida Roque (2010, p.36):

os indivíduos buscam cada vez mais, uma constante atualização dos seus conhecimentos, emergindo assim, as redes de conhecimento que promovem por meio do estabelecimento de conexões e da interação entre os atores, uma troca intensa de informações que são convertidas em conhecimento.

Em virtude do avanço das tecnologias digitais, o uso da internet em aparelhos móveis vem favorecendo o aumento do acesso às redes sociais, que reflete em mudanças na vida em

sociedade. Os fatos acontecem em ciberespaço e exibem uma dinâmica específica, conforme as subjetividades dos envolvidos (LIMA et al., 2016).

King, Nardi e Cardoso (2014) complementam que o estilo de vida das pessoas e a situação social estão se transformando mediante a utilização de novas tecnologias digitais, como também o acesso da população a *internet*, *smartphones* e redes sociais.

As ferramentas e os aplicativos móveis de interação, como as redes sociais, propiciam o estabelecimento de conexões entre os indivíduos que, por objetivos comuns ou afinidade, criam laços. Redes sociais podem ser definidas como redes de comunicação caracterizadas por dois elementos principais: os atores sociais (pessoas, organizações ou grupos) e as conexões equivalente às interações sociais, desenvolvidas neste espaço (OLIVEIRA; BARROS; GOULART, 2016). O termo rede é descrito por Recuero (2009, p.24) como “uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir de conexões estabelecidas entre os diversos atores”.

Percebe-se que um dos entrevistados se sente ansioso para acessar as redes sociais, com o propósito de saber informações a respeito de outros usuários, e isto, representa um verdadeiro privilégio:

[...]você ficar ansioso para entrar nas redes sociais para saber da vida dos outros informações, me sinto privilegiada pela grande oportunidade de acesso, eu acesso pelo celular o Instagram [...](E06; per.10;sex. fem.).

Kaufman (2010, p. 51) atribui que as redes sociais têm como principais funcionalidades “conectar os indivíduos todo o tempo e em todo lugar; disponibilizar conteúdo multiplataforma; compartilhar informações, decisões, conteúdos etc.; customizar tudo que o usuário quiser”.

As redes sociais digitais possibilitam aos indivíduos uma interação através da internet, de forma instantânea e sem barreiras geográficas (RHEINGOLD,1996; SHIMAZAKI; PINTO, 2011; GABRIEL, 2018). A facilidade fornecida por essas mídias sociais virtuais acrescenta Young e Abreu (2011), tem conquistado cada vez mais adeptos, os quais apresentam a necessidade de estarem conectados continuamente.

Tosun e Lajunen (2009) citam que as redes sociais promovem a criação de uma versão da própria pessoa na qual satisfaz a si e aos outros. As redes representam uma alternativa para os indivíduos com dificuldade de interagir face a face, favorecendo a redução da ansiedade. Ademais, aqueles os quais se enxergam isolados socialmente, passam a se sentir mais ligados a um certo grupo.

É destacável, sobretudo, a divergência de uma das falas entre as demais quanto à finalidade do acesso às redes sociais. A entrevistada afirma que esta ação pode comprometer a

vida cotidiana e, seu uso ocorre, em momentos livre e destinados ao lazer. Como mostra o comentário a seguir:

[...]muitas vezes a rede social atrapalha mais o seu cotidiano, tira o foco, utilizo as redes sociais nos momentos de lazer, no tempo livre (E04; per.06;sex. fem.).

Afonso (2009) elucida que nas últimas décadas emergiram novos meios de comunicação social, entretenimento e lazer, em que a participação de indivíduos de todo o mundo promove a nova geração do conhecimento, conectividade e colaboração. Por intermédio de um computador ligado à rede, as tecnologias de informação possibilitam a todos um mundo infinito, repleto de ambientes virtuais, abundante em informações.

Castells (2003) corrobora com o pensamento de que o lazer é um propósito constante para o acesso às redes sociais, representado através de entretenimento e sobretudo, por interações sociais entre pares e comunidades como jogos e brincadeiras, postagem de fotos e vídeos ou até mesmo para encontros sociais e culturais.

Tendo em vista as duas vertentes das redes sociais, verifica-se que um dos entrevistados reconhece que, por um lado, o acesso oferece numerosos benefícios, em contrapartida, pode interferir nas suas atividades cotidianas. Conforme destaca o fragmento:

[...]as redes sociais, por um lado é bom, porque leva a vários caminhos, mas acho sufocante tanta informação. [...]se eu não tiver acesso às notificações fico ansiosa porque há uma dependência muito grande, principalmente, das redes sociais, sente ansiosa quando está sem internet [...]Tem dias que deixa até de estudar pelas redes sociais, o que é frequente, para resolver fiz uma agenda de estudo e de acesso as redes sociais (E07; per.04; sex. fem.).

Apesar do uso das redes sociais proporcionarem benefícios, também podem gerar riscos à saúde mental dos indivíduos, dependendo da forma como são utilizadas. Diante desta questão, Mayate e Blas (2014) consideram um paradoxo, visto que, por um lado, as redes sociais ajudam e agilizam a comunicação entre os indivíduos, mas, por outro, restringem o contato presencial, impossibilitando as verdadeiras trocas de interação e afetos.

Os prazeres que as redes sociais promovem aos seus usuários, vão além da satisfação proveniente das curtidas, como o entusiasmo em compartilhar as atividades sociais realizadas em tempo real, mostrar a participação em um determinado grupo, bem como expor as preferências e estilo de vida para ratificar a identidade de algum indivíduo. Na medida que todos esses prazeres provocam uma condição cognitiva inerente à espera muito intensa por recompensas posteriores ao compartilhamento de uma foto ou um pensamento, este tipo de comportamento indica uma possível dependência. A interação nas redes sociais para busca de

suporte emocional, de forma excessiva, se configura como outra situação de risco para um padrão dependente (KUSS; GRAFFITHS, 2011; WANG, 2013).

Reforçando as implicações inerentes ao uso da *internet*, Castells (2013) cita, dentre os vários aspectos positivos, o acesso rápido à informação, a solidariedade e a cooperação, enquanto, Oliveira e Pasqualini (2014) apresentam como aspectos negativos quanto à utilização em excesso os danos pessoais, acadêmicos e profissionais aos usuários.

Picon et al. (2015) retratam que a possibilidade de se comunicar em redes online pelos celulares, fornece uma maior facilidade de acesso as pessoas, posto que se torna viável apenas com um aparelho móvel e *internet*. Contudo, este tipo de comportamento pode comprometer o cotidiano das relações pessoais, como o convívio com familiares, amigos, colegas da universidade, isto porque, apesar de estar na companhia de pessoas, o indivíduo pode continuar conectado às redes sociais e descuidar-se nos momentos compartilhados.

Boubeta et al. (2015) asseveram que mesmo com a popularização das tecnologias e seus inúmeros benefícios, pode haver consequências como o uso problemático da *internet*, o vício em tecnologia ou dependência de celular e *internet*. Isto posto, a utilização demasiada da *internet* pode ser decorrente da regularidade em que o indivíduo acessa as redes sociais para variadas finalidades, como a comunicação com os amigos, interação com familiares distantes, ou até mesmo para realização de trabalhos.

Considerando-se a *internet* como causadora de dependência, inclusive pelas redes sociais, Sá (2012) declara que a navegação na web estimula a sensação de liberdade, pois é possível que o indivíduo permaneça anônimo ou crie uma identidade virtual fictícia. Isto porque esse ambiente virtual admite que a identidade verdadeira seja negada ou oculta, e então, o contato com esses efeitos torna-se viciante.

No tocante às consequências psicológicas para os indivíduos, Ceyhan e Ceyhan (2008) constataram que os níveis de solidão e depressão são significativos, em relação ao uso problemático da *internet* por estudantes universitários. Além disso, Kirschner e Karpinski (2010) indicaram desempenhos acadêmicos comprometidos, evidenciando-se que usuários de redes sociais atingiram notas mais baixas em comparação aos não usuários.

Abreu e Góes (2011) ratificam que os efeitos negativos de ordem psicológica, oriundos pelo uso hiperbólico da *internet*, provocam problemas de saúde como a nomofobia, que consiste no medo de ficar sem contato com um aparelho móvel.

Classe 4 – Redes sociais invadindo a sala de aula

A classe 4 obteve 18,8% do *corpus* processado, sendo composta por universitários pertencentes ao segundo, quinto e sétimo período. As palavras que mais se destacaram foram: momento, utilizar, aula, mais e mensagem. Os universitários expressaram dificuldades em lidar com as mensagens recebidas pelo *smartphone* durante as aulas, como apontam a seguir:

[...]quando chega muitas mensagens, eu sempre desligo a internet, principalmente, para não ver e para não chegar as próximas mensagens, por não me sentir atraída naquele momento na aula (E18; per.05; sex. fem.).

[...]detesto notificações e fico tirando, sempre tenho que desligar os dados móveis senão eu não assisto a aula, consigo se realmente estiver determinada, mas é muito difícil se chega uma mensagem vou olhar (E14; per.02; sex. fem.).

[...]durante as aulas evito até que chegue notificação no celular tiro a visualização de mensagens (E08; per.07; sex. masc.).

Nota-se, por meio das falas, que as TIC parecem ter domínio sobre a vida dos universitários. A reação emotiva diante de uma informação nova, quando recebem mensagens no *smartphone*, expressa a falta de controle para lidar com a situação. Para tentar reverter este quadro, adotam estratégias para ajudá-los a reduzir a ansiedade, manter a concentração e não afetar o desempenho durante as aulas.

Nessa linha, segundo Hormes, Kearns e Timko (2014), indivíduos com maior dificuldade no controle do acesso às redes sociais, também demonstram dificuldade para enfrentar as emoções e controlar os impulsos, bem como uma disposição mais elevada para o desenvolvimento de outras dependências.

A funcionalidade dos diversos recursos presentes nas redes sociais serve como estímulo para o retorno contínuo do usuário. A verificação de curtidas (*likes*) no *Instagram* ou *Facebook*, as notificações no *WhatsApp*, bem como o recebimento de comentários e mensagens em geral, despertam nas pessoas o desejo de checar frequentemente os acontecimentos em seus perfis virtuais. São demonstrados em estudos que cada curtida recebida no *Facebook* causa picos de bem-estar cerebrais nos quais se comparam com os que acontecem com outros geradores de prazer, a exemplo do sexo, cocaína e alimentos. Porém, quando não são recebidas as curtidas ou os comentários positivos sobre alguma postagem, pode desencadear uma sensação de vazio intenso, ansiedade, irritabilidade (HORMES; KEARNS; TIMKO, 2014; ANDREASSEN; PALLESEN, 2014).

Classe 5 – Colocando o celular no silencioso ou desligando

A classe 5 obteve 25% do *corpus* processado, sendo composta por universitários pertencentes ao primeiro, quinto, nono e décimo período. As palavras que mais se destacaram foram: olhar, silencioso, deixar, colocar e desligar. Foi possível constatar a atitude dos universitários em manter o celular no silencioso ou desligá-lo, como forma de evitar a ansiedade de se manterem atualizados ou conectados por meio do *smartphone*:

[...]às vezes desligo o celular, fico sozinha em um canto coloco no silencioso, mas isso é muito raramente, só quando estou com dor de cabeça, quando estou muito cansada [...] (E01; per.01; sex. fem.).

[...]coloco meu celular no silencioso, retiro todas as notificações para não ficar ansiosa [...] (E06; per.10; sex. fem.).

[...]geralmente, deixo o celular no silencioso ou coloco para carregar distante de mim para não ficar perto e não ficar olhando (E16; per.09; sex. fem.).

[...]sempre deixo no silencioso e sempre desligo a internet. (E18; per.05; sex. fem.).

Geralmente as pessoas precisam conter seus impulsos, com a finalidade de evitar acontecimentos indesejados. Em determinadas ocasiões, é necessário algum tipo de controle para o cumprimento de normas sociais e impedir possíveis problemas (BAGOZZI et al., 2003; FISCHBACH; FERGUSON, 2007). Entretanto, nem sempre é fácil, como no caso dos universitários, quando estão diante das TIC.

O consumo negativo, a exemplo da utilização imprópria do *smartphone*, não diz respeito à simples observações sobre uma educação ruim, maus hábitos ou alívios passageiros. Deste modo, devem ser tratados com foco no desenvolvimento de autocontrole (RIGHETTIL; FINKENAUER, 2011; DZHOGLEVA; LAMBERTON, 2014) capaz de amortizar os efeitos negativos de comportamentos compulsivos e viciosos.

Higgins et al. (1994) esclarecem que os seres humanos naturalmente possuem a habilidade de se adequar ao ambiente e controlar seus impulsos. A autorregulação seria inerente à espécie humana, contudo, por várias vezes ocorre um esforço para harmonizar e controlar os estímulos desencadeados pelo próprio corpo.

Higgins e Scholer (2009) definem a autorregulação, como a capacidade dos indivíduos de terem controle sobre si mesmos. Apesar de ser benéfica, requer um esforço psicológico para superar os impulsos que a induz a efetuar excessos ou exceder limites.

Baumeister et al. (2006) reforçam que a autorregulação consiste em um relevante aspecto da personalidade no qual os indivíduos buscam controlar seus impulsos, sentimentos,

pensamentos, bem como o desempenho em tarefas específicas. Em vista disso, as pessoas buscariam atender aos padrões estabelecidos ou se amoldarem, o que envolve também, a pretensão de estarem inseridas em algum grupo social.

Não obstante, mesmo que a autorregulação seja uma capacidade humana, não nos assegura de sempre controlarmos nossas ações. O êxito da autorregulação pode estar correlacionado à medida que se atinge resultados positivos e são evitados efeitos negativos (HIGGINS, 1997; HIGGINS; SHAH; FRIEDMAN, 1997; HIGGINS; SPIEGEL, 2004), na saúde emocional e física, no campo profissional, nas relações interpessoais, na capacidade de enfrentar problemas, entre outros.

É viável inferir que, os universitários apresentam um comportamento de autorregulação, como uma tentativa de tentar impedir a ansiedade de se manterem sempre atualizados e conectados por intermédio dos *smartphones*.

5.4 Análise da Relação entre o Método Quantitativo e Qualitativo

Os resultados do estudo quantitativo forneceram evidências de variáveis que contribuem para a chance de ocorrer ansiedade de informação nos estudantes de Enfermagem e se correlacionam com os resultados do estudo qualitativo, tais como: volume de informação, sala de aula, queda de desempenho e dor de cabeça.

Uma pessoa na qual acredita que o volume de informação auxilia na sua tomada de decisão, tem aproximadamente, um aumento de 3,6 vezes mais chances de desenvolver um estado de ansiedade, quando comparada a uma pessoa na qual considera que o volume de informações não auxilia. Enquanto, uma pessoa a qual informou apresentar queda de desempenho, por causa do excesso de informação tem, aproximadamente, um aumento cerca de 5 vezes na chance de sentir ansiedade de informação em relação a uma pessoa, a qual acredita não apresentar queda de desempenho.

Neste sentido, um fragmento de fala presente na abordagem qualitativa, corrobora com os resultados quantitativos acerca do “volume de informação” e da “queda de desempenho”:

[...]as redes sociais, por um lado é bom, porque leva a vários caminhos, mas acho sufocante tanta informação. [...]se eu não tiver acesso às notificações fico ansiosa porque há uma dependência muito grande, principalmente, das redes sociais, sinto ansiosa quando está sem internet [...]Tem dias que deixo até de estudar pelas redes sociais, o que é frequente, para resolver fiz uma agenda de estudo e de acesso as redes sociais (E07; per.04; sex. fem.).

Uma pessoa que busca informação em sala de aula, tem aproximadamente, um aumento de 3,3 vezes mais chances de desenvolver ansiedade se comparado a uma pessoa que não busca informação em sala de aula. Assim, observam-se falas que corroboram com esse resultado:

[...]quando chega muitas mensagens, eu sempre desligo a internet, principalmente, para não ver e para não chegar as próximas mensagens, por não me sentir atraída naquele momento na aula (E18; per.05; sex. fem.).

[...]detesto notificações e fico tirando, sempre tenho que desligar os dados móveis senão eu não assisto a aula, consigo se realmente estiver determinada, mas é muito difícil se chega uma mensagem vou olhar (E14; per.02; sex. fem.).

[...]durante as aulas evito até que chegue notificação no celular tiro a visualização de mensagens (E08; per.07; sex. masc.).

A pessoa que informa sentir “dor de cabeça”, provavelmente em decorrência do uso abusivo de tecnologias de informação, tem, aproximadamente, um aumento de 4 vezes na chance de sentir ansiedade por informação, quando comparada com uma pessoa que não apresenta dor de cabeça. Por fim, é possível confirmar esse resultado, de acordo com a fala evidenciada na abordagem qualitativa:

[...]às vezes desligo o celular, fico sozinha em um canto coloco no silencioso, mas isso é muito raramente, só quando estou com dor de cabeça, quando estou muito cansada [...] (E01; per.01; sex. fem.).

Destarte, os dados quantitativos convergem com os achados qualitativos, na medida que os universitários expressam nos fragmentos de falas a maneira como o volume de informações oriundas do uso das tecnologias de informação e comunicação, especificamente, os *smartphones*, ampliam a probabilidade da ocorrência da ansiedade de informação em sala de aula, além de implicar na queda do desempenho acadêmico em razão da necessidade compulsiva de se manterem sempre conectados virtualmente.

Em contrapartida, os resultados quantitativos apresentaram outras variáveis que não foram identificadas mediante os resultados qualitativos: crença de que o outro compreende tudo, indisposição e distúrbios do sono. Da mesma forma, na abordagem qualitativa foram apontados comportamentos que não foram contemplados na abordagem quantitativa: preocupação com a confiabilidade das informações, solidão, ausência de autocontrole, autorregulação, necessidade de conexão com o mundo virtual e serendipidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho percorrido durante este estudo contribuiu com a percepção acerca da existência de comportamentos sugestivos para a ansiedade de informação na população universitária, especificamente em universitários de Enfermagem, haja vista que o ambiente acadêmico é permeado por uma vasta quantidade de informações e ferramentas tecnológicas as quais podem influenciar no surgimento da ansiedade de informação. Destarte, esta pesquisa favoreceu a ampliação da produção científica da temática na área da saúde, através de um olhar mais crítico sobre a problemática, visto que não existem estudos com este foco, apesar de estar presente no cotidiano dos universitários.

Do ponto de vista metodológico, o modelo de Regressão Logística mostrou-se adequado para o desenvolvimento deste estudo, à medida que apontou evidências sobre quais fatores estão relacionados com a ocorrência de ansiedade de informação nos universitários de Enfermagem da UFPB. Logo, foi possível constatar a relevância deste modelo para explicar a ansiedade de informação, mediante seu poder preditivo geral de acerto, em cerca de 84,9% dos casos, que lhe confere um bom desempenho para explicar o fenômeno da ansiedade de informação.

No mesmo sentido, a Análise de Conteúdo Categorical de Bardin, se mostrou fundamental para complementar e aprofundar o entendimento da ansiedade de informação sob a ótica dos universitários.

Quanto ao primeiro objetivo específico, no contexto das Tecnologias de Informação e Comunicação, os fatores determinantes para a ocorrência de ansiedade de informação, entre os universitários de Enfermagem, foram evidenciados pelas variáveis: Volume de informação, Sala de aula, Crença de que o outro compreende tudo, Queda de desempenho, Indisposição, Distúrbios do sono e Dor de cabeça.

Em relação ao segundo objetivo específico, a ansiedade de informação se apresenta por meio dos seguintes comportamentos: preocupação com a confiabilidade das informações, solidão, ausência de autocontrole, autorregulação, necessidade de conexão com o mundo virtual, serendipidade, compulsão e dependência pelas redes sociais, sufocamento pelo volume de informações, necessidade de se manter atualizado e busca de informações no *smartphone*.

A hipótese levantada para responder o problema objeto neste estudo, afirmava que: a ansiedade de informação está associada ao uso de Tecnologias de Informação e Comunicação pelos universitários de Enfermagem. Pelo exposto, esse pressuposto foi confirmado com base nos resultados identificados nas abordagens quantitativa e qualitativa.

Todavia, como limitações da pesquisa, destaca-se a ausência de um instrumento validado capaz de avaliar a manifestação da ansiedade de informação em um indivíduo, de maneira mais precisa. Há necessidade de um maior aprofundamento dessa temática, principalmente em outros cenários da área de saúde. Também, ressalta-se a escassez de estudos com esse foco capazes de discutir determinados achados desse estudo, por exemplo, o tempo que os universitários ficam sem acessar informação em meio tecnológico e o tempo para encontrar informações acadêmicas. Por conseguinte, espera-se que este trabalho contribua para o crescimento da literatura sobre a temática, propiciando novos debates e pesquisas no campo da enfermagem e da saúde.

Salienta-se que apesar do presente estudo ter atingido os objetivos propostos, o processo de pesquisa suscita estudos complementares. Sendo assim, sugere-se uma replicação do estudo com outros grupos populacionais de mesmo perfil ou similar, a fim de comparar os resultados. Ademais, validar um instrumento capaz de mensurar a ansiedade de informação nos indivíduos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, C.N.; GÓES, D.N. Dependência de internet. In: B. Rangé (Orgs.), **Psicoterapias cognitivo-comportamentais**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- AFONSO, A.S. **Uma Análise da Utilização das Redes Sociais em Ambientes Corporativos**. 2009. 163 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009.
- ALLEN, R. **How to save the world**. Londres: Kogan Pagwe, 1980.
- ALVES, E.N.P; BEZERRA, S.F.; SAMPAIO, D.A. Ansiedade de informação e normose: as síndromes da sociedade de informação. **Biblionline**, v. 11, n. 1, p. 130-139, 2015.
- ANDRADE, L.P. et al. Ansiedade Versus Alterações do Padrão de Sono-Vigília em Estudantes de Medicina. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v. 18, n. 3, p. 232-238, 2017.
- ANDREASSEN, C.S.; PALLESEN, S. Social network site addiction - an overview. **Curr Pharm Des**. v.20, p.4053-4061, 2014.
- APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- ARAYA, E.R.M.; VIDOTTI, S.A.B.G. Direito Autoral e Tecnologias de Informação e Comunicação no contexto da produção, uso e disseminação de informação: um olhar para as Licenças Creative Commons. **Inf. & Soc.: Est.**, v.19, n.3, p. 39-51, 2009.
- AROUCK, O. Atributos de qualidade da informação. 2011. **Dissertação** (Mestrado em Ciência da Informação). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- AUCCCD - Association for University and College Counseling Center Directors. **The Association for University and College Counseling Center Directors Annual Survey**. Reporting period: September 1, 2015 through August 31, 2016. Disponível em: <<https://www.auccd.org/assets/documents/auccd%202016%20monograph%20-%20public.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2017.
- BAGOZZI, R.P., VERBEKE, W.; GAVINO JÚNIOR, J.C. Culture Moderates the Self-regulation of Shame and Its Effects on Performance: The Case of Salespersons in the Netherlands and the Philippines. **Journal of Applied Psychology**, v.88, p.219-233, 2003.
- BALKAN, E.; ADALIER, A. The Relationship between Social Cohesion and Computer-Internet Usage. **Turkish Online Journal Of Educational Technology-TOJET**, v. 10, n. 3, p. 304-310, 2011.
- BAMPI, L.N.S. et al. Qualidade de vida de estudantes de medicina da Universidade de Brasília. **Rev. bras. educ. med.**, v. 37, n. 2, p. 217-225, 2013.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad.: Luís Antero Neto; Augusto Pinheiro. 3^o reimpressão. 1^o edição. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARRETO, A.S. **Modelos de Regressão: Teoria e Aplicação com o Programa Estatístico R**. Edição do Autor, 1 ed., p. 109-114, Brasília, 2011.

BARROS, B.M.C.; RICHTER, D. A Criança e o Adolescente Internauta – Doenças, Celeumas e Distúrbios: Uma análise Jurídica das Tecnologias da Informação e Comunicação sob a ótica do Princípio da Proteção Integral. In: **XXII Congresso Nacional do Conpedi**, São Paulo, de 13 a 16 de novembro de 2013.

BARROS, B.M.C.; ROLDÃO, M.L. A sociedade em rede e as doenças emergentes: uma proposta baseada na utilização excessiva das tecnologias digitais. Dossiê Temático. **Revista Sociais e Humanas**, v. 30, n.1, p. 21-38, 2017.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BAUMAN, Z. **Arte da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BAUMEISTER, R.F. et al. Self-regulation and personality: How interventions increase regulatory success, and how depletion moderates the effects of traits on behavior. **Journal of personality**, v.74, n.6, p.1773-1802, 2006.

BAWDEN, D.; ROBINSON, L. The dark side of information: overload, anxiety and other paradoxes and pathologies. **Journal of information science**, v. 35, n. 2, p. 180-191, 2009.

BOUBETA, A.R. et al. EUPI-a: Escala de Uso Problemático de Internet en adolescentes: Desarrollo y validación psicométrica. **Adicciones**, v.27, n.1, p.47-63, 2015.

BLUNDELL, S.; LAMBERT, F. Information Anxiety from the Undergraduate Student Perspective: A Pilot Study of Second-semester Freshmen. **Journal of Education for Library & Information Science**, v.55, n.4, p.261–273, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. **Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BROOKES, B.C. The foundations of Information Science. **Journal of Information Science**, v.2, p.209-221,1980.

CAMARGO, B.V.; JUSTO, A.M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.

CAMPBELL, M.M. Motivational Systems Theory And The Academic Performance Of College Students. **Journal of College Teaching & Learning**, v. 4, n. 7, p. 11-23, 2007.

CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. The concept of information. **Annual review of information science and technology (ARIST)**, New York, v.37, 2003.

CARMINES, E.G.; ZELLER, R.A. **Reliability and validity assessment**. Sage publications, 1979.

CASTELLS, M. **A galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CEYHAN, A.A.; CEYHAN, E. Loneliness, Depression, and Computer Self-Efficacy as Predictors of Problematic Internet Use. **Cyberpsychology & Behavior**, v.11, n.6, p.699-701, 2008.

CHAVES, E.C.L. et al. Anxiety and spirituality in university students: a cross-sectional study. **Rev Bras Enferm**, v.68, n.3, p.444-9, 2015.

CLARK, D.A.; BECK, A.T. **Terapia cognitiva para os transtornos de ansiedade: ciência e prática**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

CORRAR, L.J. et al. **Análise Multivariada: para os cursos de Administração, Ciências Contábeis e Economia**. São Paulo: Atlas, 2007.

CORREIA, L.L.; LINHARES, M.B.M. Ansiedade materna nos períodos pré e pós-natal: revisão da literatura. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 15, n. 4, p. 677-683, 2007.

CRONBACH, L.J. Coefficient alpha and the internal structure of tests. **Psychometrika**, v. 16, n. 3, p. 297-334, 1951.

DAVENPORT, T.H.; MARCHAND, D. A. A Gestão do conhecimento é apenas uma boa gestão da informação? In: DAVENPORT, T. H.; MARCHAND, D. A.; DICKSON, T. **Dominando a Gestão da Informação**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

DAVIDOFF. **Introdução à psicologia**. 3 ed. São Paulo: Pearson, 2001.

DEGHAN-NAYERI, N.; ADIB-HAJBAGHERY, M. Effects of progressive relaxation on anxiety and quality of life in female students: A non-randomized controlled trial. **Alternat Complement Ther**, n.19, p.194-200, 2011.

DURIGAN, G.M.; MORENO, N.A. Fluxo e a demanda de informação: a busca pelo ponto de equilíbrio na sociedade de informação. **Ponto de Acesso**, v.7, n.2, p. 89-106, 2013.

DUTRA, F.G.; BARBOSA, R.R. Modelos e critérios para avaliação da qualidade de fontes de informação: uma revisão sistemática de literatura. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 27, n.2, 2017.

DZHOGLEVA, H.E.; LAMBERTON, C.P. Should Birds of a Feather Flock Together? Understanding Self-Control Decision in Dyads. **Journal of Consumer Research**, v.41, n.2, p.361-380, 2014.

EKLOF, A. Understanding Information Anxiety and How Academic Librarians Can Minimize its Effects. **Public Services Quarterly**, n.9, v.3, p. 246-58, 2013.

EPPLER, M.J.; MENGIS, J. O conceito de sobrecarga de informação: Uma revisão da literatura da ciência da organização, contabilidade, marketing, MIS e disciplinas relacionadas. **A sociedade da informação**, v. 20, n. 5, p. 325-344, 2004.

FARHOOMAND, A.; DRURY, D. Managerial Information Overload. **Communications of the ACM**, v.45, n.10, p.127-131, 2002.

FAVARETTO, F. Experimento para análise da implantação da medição da qualidade da informação. **Produção**, v. 17, n. 1, p. 151-161, 2007.

FÁVERO, L.P. et al. **Análise de Dados: modelagem multivariada para tomada de decisões**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

FÁVERO, L.P. **Análise de dados: modelos de regressão com EXCEL, STATA e SPSS**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.

FERRARA, M.; GENNARO, L. How much sleep do we need? **Sleep Med Rev.**, v.5, n.2, p.155-79, 2001.

FISCHBACH, A.E.; FERGUSON, M. J. The goal construct in social psychology. In: KRUGLANKI, A.W.; HIGGINS, T.E (Eds). **Social Psychology: Handbook of Basic Principles**, 2007.

FONAPRACE - Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis. **IV Pesquisa do Perfil Social, Cultural e Econômico dos Estudantes de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior**. Uberlândia, 2014. Disponível em: <http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduandos-das-IFES_2014.pdf>. Acesso em: 03 set. 2017.

FORTIM, I.; ARAUJO, C.A. Aspectos psicológicos do uso patológico de internet. **Boletim - Academia Paulista de Psicologia**, v.33, n.85, p.292-311, 2013.

FREEMAN, D.; FREEMAN, J. **Ansiedade: o que é, os principais transtornos e como tratar**. Trad. Janaína Marcoantonio. 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 2015.

GABRIEL, M. **Você, eu e os robôs: pequeno manual do mundo digital**. São Paulo: Atlas, 2018.

GARCÍA, M.I.G. et al. **Ciencia, Tecnologia y Sociedad: una introducción al estudio social de la ciencia y la tecnología**. Tecnos. Madrid. 2000.

GIL, A.C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

HAWKLEY, L.C.; CACIOPPO, J.P. Loneliness matters: a theoretical and empirical review of consequences and mechanisms. **Annals Behavioral Medicine**, v.40, n.2, p.218-227, 2010.

HIGGINS, E.T. et al. Ideal Versus Ought Predilections for Approach and Avoidance – Distinct Self-Regulatory Systems. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.66, p.276–286, 1994.

HIGGINS, E.T.; SHAH, J.; FRIEDMAN, R. Emotional responses to goal attainment: Strength of regulatory focus as moderator. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.72, n.3, p.515-525, 1997.

HIGGINS, E.T.; SPIEGEL, S. Promotion and prevention strategies for self-regulation: A motivated cognition perspective. In: BAUMEISTER, R.F.; VOHS, K.D. (Eds.), **Handbook of self-regulation: Research, theory, and applications**. New York: The Guilford Press, 2004.

HIGGINS, E.T.; SCHOLER, A.A. Engaging the consumer: The science and art of the value creation process. **Journal of Consumer Psychology**, v.19, n.2, p.100–114, 2009.

HOLMES, D.S. **Psicologia dos transtornos mentais**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

HORMES, J.M.; KEARNS, B.; TIMKO, C.A. Craving Facebook? Behavioral addiction to online social networking and its association with emotion regulation deficits. **Addiction**, v.109, n.12, p.2079-88, 2014.

HOSMER, D.W.; LEMESHOW, S. **Applied Logistic Regression**. 2nd edition. (Wiley: New York.). NY, USA, 2000.

JACKSON, T.W. FARZANEH, P. Theory-based model of factors affecting information overload. **International Journal of Information Management**, v. 32, n. 6, p. 523-532, 2012.

JOHNSON, C.A. **A dieta da informação: uma defesa do consumo consciente**. São Paulo: Novatec, 2012.

KAPLAN, H.I.; SADOCK, B.J.; GREBB, J.A. **Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica**. 7 ed. São Paulo: Artmed, 2006.

KATOPOL, P. Information anxiety, informational behavior, and minority graduate students. **Proceedings of the American Society for Information Science and Technology**, v.47, n.1, p.1-2, 2010.

KAUFMAN, D. **O Processo de Tomada de Decisão no Ciberespaço: O papel das redes sociais no jogo das escolhas individuais**. 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica, Signo e Significação nas Mídias) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010.

KING, A.L.S.; NARDI, A.E.; CARDOSO, A. Nomofobia - Dependência do computador, internet, redes sociais? Dependência do telefone celular? O impacto das novas tecnologias no cotidiano dos indivíduos. São Paulo: Atheneu, 2014.

KIRSCHNER, P.A.; KARPINSKI, A.C. Facebook and academic performance. **Computers in Human Behavior**, v.26, p.1237-1245, 2010.

KUMAR, K. **Da Sociedade Industrial à Pós-Moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. 2 ed. ampliada. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2006.

KUSS, D.J.; GRIFFITHS, M.D. Online social networking and addiction – a review of the psychological literature. **International journal of environmental research and public health**. v.8, n.9, p.3528-52, 2011.

LANDIS, J.R.; KOCH, G.G. The measurement of observer agreement for categorical data. **Biometrics**, p. 159-174, 1977.

LANZI, L.A.C. **Apropriação das Tecnologias de Informação e Comunicação em Bibliotecas Escolares: em busca de um espaço dinâmico**. 2012. 158f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 2012.

LEAHY, R.L. **Livre de ansiedade**. São Paulo: Artmed, 2012.

LE COADIC, Y.F. **Le besoin d'information**. Paris: ADBS Editions, 1998.

LIMA, N.L. et al. As redes sociais virtuais e a dinâmica da internet. **Gerais: Revista Intersistitucional de Psicologia**, v.9, n.1, p. 90-109, 2016.

LIMA, B.V.B.G. et al. Avaliação da ansiedade e autoestima em concluintes do curso de graduação em Enfermagem. **Rev enferm UFPE on line**, v.11, n.11, p.4326-33, 2017.

LOHR, S.L. **Sampling: Design and Analysis**. Boston: Brooks/Cole, 2010.

MACHER, D. et al. Statistics anxiety, trait anxiety, learning behavior, and academic performance. **European Journal of Psychology of Education**, v. 27, n.4, p. 483-498, 2012.

MALAQUIAS, F.F.O. et al. Comportamento informacional: um estudo com alunos do curso de administração. **Revista Estudo & Debate**, v. 24, n. 2, 2017.

MANHIQUE, I.L.E.; VARELA, A.V. Comportamento de busca de informação dos estudantes de graduação: contribuição para a pesquisa científica na Universidade Eduardo Mondlane de Moçambique. **Informação & Informação**, v. 21, n. 1, p. 283-305.

MARTINCOWSKI, T.M. A inserção do aluno iniciante de graduação no universo autoral: a leitura interpretativa e a formação de arquivos. **Cadernos da Pedagogia**, v.6, n.12, p.129-140, 2013.

MAYATE, M.E.; BLAS, E.S. Construcción y validación del cuestionario de adicción a las redes sociales. **Liberabit**, v.20, n.1, p.73-91, 2014.

McHUGH, M.L. The Chi-square test of Independence. **Biochemia Medica**, v. 23, n.2, p.143-149, 2013.

MÉA, C.P.D.; BIFFE, E.M.; FERREIRA, V.R.T. Padrão de uso da internet por adolescentes e sua relação com sintomas depressivos e de ansiedade. **Psicologia Revista**, v.25, n.2, p.243-264, 2016.

MEDEIROS, O.C. **Estudo dos Planos Amostrais e Estimadores para a Aplicação no Dimensionamento da População Canina de Rio Claro – SP**. 2013. 87f. Dissertação (Mestrado Profissional em Matemática Universitária) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.

MEDRONHO, R.A. et al. **Epidemiologia**. 2 ed. São Paulo: Atheneu, 2008.

MINAYO, M.C.S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MORAES, F.M. **Produção científica em Ciência da Informação: reflexos dos avanços tecnológicos nas comunicações apresentadas nos EnANCIBs**. 2013. 76f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo, 2013.

NARDI, A.E. A história dos ataques de pânico. **Ciência Hoje**, v.34, n. 202, p.71-3, 2004.

OJO, O.J. Information anxiety and information overload of undergraduates in two Universities in South-West Nigeria. **Library Philosophy and Practice**, v.2, n.1, p.1-26, 2016.

OLIVEIRA, M.I.S. Intervenção cognitivo-comportamental em transtorno de ansiedade: relato de caso. **Rev. bras. ter. cogn.**, v.7, n. 1, p. 30-34, 2011.

OLIVEIRA, H.P.C. **Arquitetura da informação pervasiva: contribuições conceituais**. 2014. 202 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2014.

OLIVEIRA, F.; PASQUALINI, K.C. Os dependentes de internet no Brasil: realidade ou mito entre os universitários. **Mimesis**, v. 35, n. 1, p. 95-140, 2014.

OLIVEIRA, R.S.; BARROS, B.M.C.; GOULART, G.M. As tecnologias da informação e comunicação na (des)construção das relações humanas contemporâneas: implicações do uso do aplicativo tinder. **Revista Brasileira de Direito**, v.12, n.1, p.88-99, 2016.

OLIVEIRA, M. **Os efeitos da ansiedade de informação no comportamento informacional de alunos de graduação em mobilidade acadêmica no exterior**. 2017. 91 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

PAPALIA, D.E., OLDS, S.W., FELDMAN, R.D. **Desenvolvimento Humano**. 10. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PAULA, G.A. **Modelos de Regressão com Apoio Computacional**. São Paulo: IME/USP, 2013.

- PENHA, R.N. **Um estudo sobre regressão logística binária**. 2002. Monografia (graduação em engenharia de produção). Departamento de Produção – Universidade Federal de Itajubá. Itajubá, MG, Brasil, 2002.
- PICON, F. et al. Precisamos falar sobre tecnologia: Caracterizando clinicamente os subtipos de dependência de tecnologia. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v.17, n.2, p.44-60, 2015.
- PIJPERS, G. **Information Overload: a system for better managing everyday data**. Nova Jersey: Wiley, 2010.
- PORTILLA, C.F.S. El uso del smartphone como herramienta para la búsqueda de información en los estudiantes de pregrado de educación de una universidad de Lima Metropolitana. **Educación**, v. 25, n. 49, p. 29-44, 2016.
- RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- REIMÃO, R. **Sono: estudo abrangente**. 2 ed. São Paulo: Atheneu, 1996.
- RHEINGOLD, H. **A Comunidade Virtual**. Lisboa: Gradiva, 1996.
- RIGHETTI, F.E.; FINKENAUER, C. If you are able to control yourself, I will trust you: The role of perceived self-control in interpersonal trust. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.100, n.5, p.874-886, 2011.
- RODRIGUES, A.M.M. **Por uma filosofia da tecnologia**. In: Grinspun, M.P.S.Z. (org.). Educação Tecnológica - Desafios e Perspectivas. São Paulo: Cortez, 2001.
- ROQUE, G.O.B. Redes de conhecimento e a formação à distância. **R. Educ. Prof.**, v.36, n.3, 2010.
- RÜDIGER, F. Sherry Turkle, percurso e desafios da etnografia virtual. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 14, n. 2, p. 155-163, 2012.
- SÁ, G.M. À frente do computador: a internet enquanto produtora de dependência e isolamento. **Sociologia**, v.24, p.133-47, 2012.
- SAID ALI, M. **Gramática Histórica de Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- SANCHES, S.H.B. et al. Associação entre ansiedade e hipermobilidade articular: uma revisão sistemática. **Rev Bras Psiquiatr**, v.34, n.11, p.53-68, 2012.
- SANTOS, F.M. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. Resenhas. **Revista Eletrônica de Educação**, v.6, n.1, p.383-387, 2012.
- SANTOS, A.P. **O Comportamento Informacional do Discente do Curso de Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba**. 2015. 41f. Monografia (Graduação em Arquivologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SHEDROFF, N. **Information Interaction Design: A Unified Field Theory in Design**. In: JACOBSON, R. *Information Design*. The MIT Press, p. 267-292, 1999.

SHIMAZAKI, V.K.; PINTO, M.M.M. A influência das redes sociais na rotina dos seres humanos. **Fasci-Tech**, v.1, n.5, 2011.

SIQUEIRA, T.G.S. Reflexiones sobre la necesidad o importancia de la información en la contemporaneidad. **Revista Prefacio**, v. 1, n. 1, p. 31-38, 2017.

SOUSA, D.A. et al. Revisão sistemática de instrumentos para avaliação de ansiedade na população brasileira. **Aval. psicol.**, v. 12, n. 3, p. 397-410, 2013.

STONE, M.H. History of anxiety disorders. In: STEIN, D.J; HOLLANDER, E.; ROTHBAUM, B.O. **Textbook of anxiety disorders**. 2 ed. Virgínia: American Psychiatric Publishing, 2009.

STREINER, D. L. A checklist for evaluating the usefulness of rating scales. **Canadian Journal of Psychiatry**, v.38, p.140–148, 1993.

TAKAHASHI, T. (Org.). **Sociedade da Informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

TERROSO, L.B.; ARGIMON, I.I.L. Dependência de internet e habilidades sociais em adolescentes. **Estud. psicol. psicol.**, v.16, n.1, p.200-219, 2016.

TOFFLER, A. **O choque do futuro**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TOSUN, L.P.; LAJUNEN, T. Why do young adults develop a passion for Internet activities? The associations among personality, revealing “true self” on the Internet, and passion for the Internet. **Cyberpsychol Behav.**, v.12, p.401- 406, 2009.

TOWNSEND, M. **Enfermagem em Saúde Mental e Psiquiátrica**: conceitos de cuidado na prática baseada na evidência. Loures: Lusociência, 2011.

TURKLE, S. **Alone together**. Nova York: Basic Books, 2011

VALENTIM, M.L.P. Formação: Competências e habilidades do profissional da informação. In: VALENTIM, M.L.P. (Org.). **Formação do Profissional da Informação**. São Paulo: Polis, 2002.

WANG, S.S. “I Share, Therefore I Am”: personality traits, life satisfaction, and Facebook check-ins. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**. v.16, n.12, p.870-877, 2013.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Depression and other common mental disorders**: global health estimates. Geneva, 2017.

WILLS, T.A. et al. Behavioral and emotional self-control: Relations to substance use in samples of middle and high school students. **Psychology of Addictive Behaviors**, v.20, p. 265-278, 2006.

WURMAN, R.S. **Ansiedade de informação**: como transformar informação em compreensão. São Paulo: Cultura, 1991.

WURMAN, R.S. **Ansiedade de Informação 2**: um guia para quem comunica e dá instruções. São Paulo: Cultura, 2005.

YOUNG, K.S., ABREU, C.N. **Dependência de internet: manual e guia de avaliação e tratamento**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ZAMIGNANI, D.R.; BANACO, R.A. Um panorama analítico-comportamental sobre os transtornos de ansiedade. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, v. 7, n.1, p. 77-92, 2005.

ZEIDNER, M. Anxiety. In: Peterson, E. B.; McGaw, B (Eds.). **International Encyclopedia of Education**, v. 6, p. 549-557. Oxford: Elsevier, 2010.

ZEMAN, J. Significado filosófico da noção de informação. In: **O conceito de informação na ciência contemporânea**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. p.154-179 (Série Ciência e Informação, n.2).

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário - Ansiedade de Informação



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - CCS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM - PPGENF

QUESTIONÁRIO - ANSIEDADE DE INFORMAÇÃO

Pesquisa: Ansiedade de Informação: estudo com universitários de Enfermagem.

Convite: Prezado (a) discente do curso de Enfermagem da UFPB: você está sendo convidado (a) a responder este questionário que foi desenvolvido para verificar a ansiedade de informação entre os universitários de Enfermagem. Obrigada por colaborar com esta pesquisa!

Orientações: Por favor, responda todas as questões. Marque com o “X” o item que escolher e atenção para as questões que podem ser escolhidos mais de um item! Contém algumas questões abertas.

1. Faixa etária

Entre 19 - 20 anos Entre 21 - 25 anos Entre 26 - 30 anos Entre 31 ou mais

2. Sexo

Feminino Masculino

3. Qual o seu período?

1º período 2º período 3º período 4º período 5º período
 6º período 7º período 8º período 9º período 10º período

4. Você se considera ansioso em obter informação?

Sim Não

5. Quanto tempo consegue ficar sem acessar alguma informação em qualquer meio tecnológico (*smartphone, tablet, computador ou outros*)?

Entre 1 a 4min
 Entre 5 a 10 min
 Entre 11 a 30min
 Entre 31 a 60 min
 Mais de 60 min

6. Qual sua opção de busca, quando precisa de informações relacionadas ao processo ensino-aprendizagem (conhecimento cognitivo) para suas atividades acadêmicas?

Biblioteca *Google* Redes sociais Amigos Outras fontes

Se marcou a opção “outras fontes”, cite-as:

7. Qual sua opção de busca, quando precisa de informações gerais (política, esporte, cultura, lazer e outros) para suas atividades cotidianas?

Biblioteca *Google* Redes sociais Amigos Outras fontes

Se marcou a opção “outras fontes”, cite-as:

8. Quanto tempo em média leva para encontrar informações sobre suas atividades acadêmicas?

Menos de 10 min Entre 10 e 30 min Entre 31 e 60 min Mais de 60 min

9. Quanto tempo em média leva para encontrar informações sobre suas atividades cotidianas?

Menos de 10 min Entre 10 e 30 min Entre 31 e 60 min Mais de 60 min

10. Você utiliza todas as informações que encontra?

Sim Não

Se marcou a opção “não”, como escolhe as informações que serão utilizadas?

11. O grande volume de informações disponibilizadas na *internet* auxilia ou prejudica na tomada de decisão para suas atividades acadêmicas e cotidianas?

Auxilia Prejudica

Por quê?

12. Sente alguma dificuldade ao buscar informações para suas atividades acadêmicas (pesquisa em base dados) ?

Sim Não

Se marcou a opção “sim”, justifique.

13. Sente alguma dificuldade ao buscar informações para suas atividades cotidianas?

- Plataformas *Google* Redes sociais Aplicativos para tecnologia móvel
 Outras fontes

Se marcou a opção “outras fontes”, cite.

14. Na sala de aula sempre busco alguma informação no meu *smartphone/tablet* mesmo que o professor esteja ministrando aula.

- Sim Não

Por quê?

15. Marque os comportamentos que você apresenta em relação à forma que lida com a informação na sua vida (pode marcar mais de uma opção):

- Busca informações em mais de uma fonte, pois desconfia se são verdadeiras.
 Responde de maneira afirmativa acerca de qualquer assunto, mesmo sem ter ouvido falar.
 Dá mais atenção a postagens em redes sociais do que notícias científicas, culturais e econômicas.
 Fica nervoso (a) por não saber manipular a quantidade de conteúdo acumulado.
 Sente-se incapaz de explicar algo que acredita ter entendido.
 Sente vergonha em dizer que não sabe algo e inventa uma desculpa para não dar resposta a algum questionamento.
 Acredita que outro compreende tudo e você não.

16. Penso que a *internet* é a principal causa para minha ansiedade de informação?

- Sim Não

Se respondeu “não”, justifique.

17. Dentre os sintomas abaixo, marque qual(is) das manifestações você apresenta como resultado do excesso de informação:

- | | | |
|---|--|---|
| <input type="checkbox"/> Mal estar | <input type="checkbox"/> Estresse | <input type="checkbox"/> Dor de cabeça |
| <input type="checkbox"/> Perturbação | <input type="checkbox"/> Queda de desempenho | <input type="checkbox"/> Irritabilidade |
| <input type="checkbox"/> Vertigem | <input type="checkbox"/> Indisposição | <input type="checkbox"/> Alteração de humor |
| <input type="checkbox"/> Dor de cabeça | <input type="checkbox"/> Distúrbios no sono | <input type="checkbox"/> Tontura |
| <input type="checkbox"/> Distúrbio na memória | <input type="checkbox"/> Dependência das tecnologias | <input type="checkbox"/> Outras |

Se você marcou a opção “outras”, cite-as:

18. Penso que a dependência da tecnologia móvel compromete a minha saúde mental e a concentração em sala de aula?

Sim Não

Se você marcou a opção “sim”, justifique.

19. Percebo que o excesso de informação compromete o meu aprendizado e as minhas relações sociais (vida acadêmica e cotidiana)?

Sim Não

Se você marcou a opção “sim”, justifique.

20. Sinto-me satisfeito com a busca e uso da informação, através da TIC (tecnologia da informação e comunicação) mesmo acessando-a de forma excessiva as informações?

Sim Não

APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista Semiestruturada

1. Como você se sente diante da grande quantidade de informação disponibilizada na *internet*?
2. O que você mais busca quando acessa a *internet*? Quais são seus reais interesses?
3. Como você se sente caso não tenha acesso às notificações disponíveis no seu *smartphone* durante as aulas da universidade?
4. Você consegue ter controle sobre seus impulsos quando busca informação? De que forma?

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Prezada (o),

Esta pesquisa é sobre a **Ansiedade de Informação: estudo com universitários de Enfermagem** e será desenvolvida pela pesquisadora Tâmela Costa, discente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof.º Dr.º Sérgio Ribeiro dos Santos e coorientação da Prof.ª Dr.ª Sandra Almeida Aparecida.

Os objetivos do estudo são investigar como os universitários de Enfermagem percebem em si a ansiedade de informação no contexto das Tecnologias de Informação e Comunicação; evidenciar estatisticamente quais fatores, no contexto das Tecnologias de Informação e Comunicação, são determinantes para a ocorrência de ansiedade de informação por parte dos universitários de Enfermagem; analisar a partir da ótica dos universitários de Enfermagem a ansiedade de informação. A finalidade deste trabalho é contribuir para ampliar o corpo de conhecimento referente à ansiedade de informação nos universitários de Enfermagem, além de promover uma atenção maior para este tipo de problema que pode comprometer o bem-estar mental como também a formação acadêmica.

Solicitamos a sua colaboração para responder a um questionário com perguntas objetivas e algumas subjetivas com duração aproximada de 10 minutos, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicação em revistas científicas. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Informamos que essa pesquisa não oferece risco atual ou potencial, individual ou coletivo à saúde ou à sua vida, nem tampouco oferecerá constrangimento ou punições no ambiente acadêmico e quaisquer desconfortos possíveis no momento em que responder ao questionário.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, você não é obrigada(o) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolva a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá qualquer modificação no desempenho de suas atividades na Instituição. A pesquisadora estará a sua disposição para esclarecimentos que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecida(o) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que recebi uma cópia desse documento.

João Pessoa, ____ de ____ de ____ .

Assinatura da(o) participante da pesquisa

Contato da Pesquisadora Responsável

Endereço: Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Bairro: Jardim Cidade Universitária. João Pessoa - Paraíba. CEP: 58051-900.

Telefone: (83): 3216-7109 ou 988385742

E-mail: tamela_costa@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB. (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

Atenciosamente,

Assinatura da pesquisadora responsável

ANEXOS

ANEXO I - Termo de Anuência

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

João Pessoa, 05 de março de 2018

 **TERMO DE ANUÊNCIA**

Declaro, para os devidos fins, que concordamos com o desenvolvimento da pesquisa intitulada "ANSIEDADE DE INFORMAÇÃO: ESTUDO COM UNIVERSITÁRIOS DE ENFERMAGEM", de autoria da mestrandia TÂMELA COSTA, sob orientação da PROF. DR. SERGIO RIBEIRO DOS SANTOS, e que tem como participantes, estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A autorização para a realização da coleta de dados fica condicionada a apresentação da Certidão provisória do Comitê de Ética em Pesquisa, devidamente credenciado junto à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP.

Sem mais, subscrevo-me.

Atenciosamente,



Profª. Oriana Deyze Correia Paiva Leadebal
Coordenadora de Curso
Profª Drª Oriana Deyze C. P. Leadebal
Coordenadora
SIAPE: 1622650

ANEXO II – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética e Pesquisa

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ANSIEDADE DE INFORMAÇÃO: estudo com universitários de enfermagem

Pesquisador: Tâmelia Costa

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 87242318.8.0000.5188

Instituição Proponente: Centro De Ciências da Saúde

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.611.190

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de pesquisa egresso do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM-PPGENF - do CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE da UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, da aluna TÂMELA COSTA, sob orientação do professor Dr. Sérgio Ribeiro dos Santos e da professora Dra. Sandra Aparecida de Almeida.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar a existência da ansiedade de informação entre universitários de enfermagem.

Objetivos Secundários:

Descrever como a ansiedade de informação interfere na saúde mental dos universitários;

Verificar os impactos da ansiedade e da tecnologia da informação e comunicação no processo ensino-aprendizagem dos universitários de enfermagem em sala de aula.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Endereço: UNIVERSITÁRIO S/N

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOÃO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA



Continuação do Parecer: 2.011.190

Constrangimento do participante ao responder o questionário.

Benefícios:

Impacto social. O presente estudo servirá para subsidiar pesquisas futuras.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O presente projeto apresenta coerência científica, mostrando relevância para a academia, haja vista a ampliação do conhecimento, onde se busca, principalmente,

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os Termos de Apresentação Obrigatória foram anexados tempestivamente.

Recomendações:

RECOMENDAMOS QUE AO TÉRMINO DA PESQUISA, A PESQUISADORA RESPONSÁVEL ENCAMINHE AO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DO CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, RELATÓRIO FINAL E DOCUMENTO DEVOLUTIVO COMPROVANDO QUE OS DADOS FORAM DIVULGADOS JUNTO À INSTITUIÇÃO ONDE OS MESMOS FORAM COLETADOS E A PESQUISA NA ÍNTEGRA, TODOS EM PDF, VIA PLATAFORMA BRASIL, ATRAVÉS DE NOTIFICAÇÃO, PARA OBTENÇÃO DA CERTIDÃO DEFINITIVA.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Tendo em vista o cumprimento das formalidades éticas e legais, somos de parecer favorável a execução do presente projeto, da forma como se apresenta, salvo melhor juízo.

Considerações Finais a critério do CEP:

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa.

Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
----------------	---------	----------	-------	----------

Endereço: UNIVERSITÁRIO S/N
Bairro: CASTELO BRANCO CEP: 58.051-900
UF: PB Município: JOÃO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 Fax: (83)3216-7791 E-mail: comitedeeticos@ccs.ufpb.br

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA



Continuação do Parecer: 2.011.190

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1107181.pdf	09/04/2018 14:07:34		Aceito
Outros	Certidao_Colegiado.pdf	09/04/2018 14:01:28	Tâmela Costa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	09/04/2018 13:56:02	Tâmela Costa	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_TAMELA.pdf	07/04/2018 12:00:14	Tâmela Costa	Aceito
Outros	Anuencia.pdf	06/04/2018 23:34:55	Tâmela Costa	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	06/04/2018 11:19:54	Tâmela Costa	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOAO PESSOA, 20 de Abril de 2018

Assinado por:
Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador)

Endereço: UNIVERSITARIO S/N
Bairro: CASTELO BRANCO CEP: 58.051-000
UF: PB Município: JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 Fax: (83)3216-7791 E-mail: com@deetica@ccs.ufpb.br